

# **Um pouco de nada**

*Livros de poemas*

*Volume 1*



***Otaviano Pereira***



**UM POUCO DE NADA**  
**(LIVROS DE POEMAS) – Volume I**



Otaviano Pereira

UM POUCO DE NADA (LIVROS DE POEMAS) – Volume 1.  
1ª Edição Eletrônica

Uberlândia / Minas Gerais  
Navegando Publicações  
2020



Navegando Publicações



NAVEGANDO

[www.editoranavegando.com](http://www.editoranavegando.com)

[editoranavegando@gmail.com](mailto:editoranavegando@gmail.com)


Uberlândia – MG,  
Brasil

**Direção Editorial:** Navegando  
**Projeto gráfico e diagramação:** Lurdes Lucena  
**Arte da Capa:** Alberto Ponte Preta

**Copyright © by autor, 2020.**

Um1 – PEREIRA, O.. Um pouco de nada (Livros de Poemas). Volume 1.  
Uberlândia: Navegando Publicações, 2020.

ISBN: 978-65-86678-11-6

 10.29388/978-65-86678-11-6

1. Poesia 2. Literatura. Otaviano Pereira. II. Navegando Publicações. Título.

CDD – B869.91  
CDU – 82-1/49

### Índice para catálogo sistemático

Literatura 82/42

Navegando Publicações



NAVEGANDO

[www.editoranavegando.com](http://www.editoranavegando.com)

[editoranavegando@gmail.com](mailto:editoranavegando@gmail.com)

Uberlândia – MG

Brasil

## Editores

Carlos Lucena – UFU, Brasil

José Claudinei Lombardi – Unicamp, Brasil

José Carlos de Souza Araújo – Uniube/UFU, Brasil

## Conselho Editorial Multidisciplinar

### Pesquisadores Nacionais

Afrânio Mendes Catani – USP – Brasil  
Anderson Brettas – IFMT – Brasil  
Anselmo Alencar Colares – UFOPA – Brasil  
Carlos Lucena – UFU – Brasil  
Carlos Henrique de Carvalho – UFU, Brasil  
Cílson César Fagiani – Uniube – Brasil  
Dermeval Saviani – Unicamp – Brasil  
Elmiro Santos Resende – UFU – Brasil  
Fabiane Santana Previtali – UFU, Brasil  
Gilberto Luiz Alves – UFMS – Brasil  
Inez Stampa – PUCRJ – Brasil  
João dos Reis Silva Júnior – UFSCar – Brasil  
José Carlos de Souza Araújo – Uniube/UFU – Brasil  
José Claudinei Lombardi – Unicamp – Brasil  
José Luis Sanfelice – Unicamp – Brasil  
Larissa Dahmer Pereira – UFF – Brasil  
Livia Diana Rocha Magalhães – UESB – Brasil  
Mara Regina Martins Jacomeli – Unicamp, Brasil  
Maria J. A. Rosário – UFPA – Brasil  
Newton Antonio Paciulli Bryan – Unicamp, Brasil  
Paulino José Orso – Unioeste – Brasil  
Ricardo Antunes – Unicamp, Brasil  
Robson Luiz de França – UFU, Brasil  
Tatiana Dahmer Pereira – UFF – Brasil  
Valdemar Sguissardi – UFSCar – (Apos.) – Brasil  
Valéria Forti – UERJ – Brasil  
Yolanda Guerra – UFRJ – Brasil

### Pesquisadores Internacionais

Alberto L. Bialakowsky – Universidad de Buenos Aires – Argentina.  
Alicina Maria de Castro Martins – (I.S.M.T.), Coimbra – Portugal  
Alexander Steffanell – Lec University – EUA  
Ángela A. Fernández – Univ. Aut. de St. Domingo – Rep. Dominicana  
Antonino Vidal Ortega – Pont. Un. Cat. M. y Me – Rep. Dominicana  
Armando Martinez Rosales - Universidad Popular de Cesar – Colômbia  
Artemis Torres Valenzuela – Universidad San Carlos de Guatemala – Guatemala  
Carolina Crisorio – Universidad de Buenos Aires – Argentina  
Christian Cwik – Universität Graz – Austria  
Christian Hausser – Universidad de Talca – Chile  
Daniel Schugurensky – Arizona State University – EUA  
Elizet Payne Iglesias – Universidad de Costa Rica – Costa Rica  
Elsa Capron – Université de Nimès / Univ. de la Reunión – France  
Elvira Aballi Morell – Vanderbilt University – EUA.  
Fernando Camacho Padilla – Univ. Autónoma de Madrid – Espanha  
Francisco Javier Maza Avila – Universidad de Cartagena – Colômbia  
Hernán Venegas Delgado – Univ. Autónoma de Coahuila – México  
Iside Gjergji – Universidade de Coimbra – Portugal  
Iván Sánchez – Universidad del Magdalena – Colômbia  
Johanna von Grafenstein, Instituto Mora – México  
Lionel Muñoz Paz – Universidad Central de Venezuela – Venezuela  
Jorge Enrique Elías-Caro – Universidad del Magdalena – Colômbia  
José Jesus Borjón Nieto – El Colegio de Vera Cruz – México  
José Luis de los Reyes – Universidad Autónoma de Madrid – Espanha  
Juan Marchena Fernandez – Universidad Pablo de Olavide – Espanha  
Juan Paz y Miño Cepeda, Pont. Univ. Católica del Ecuador – Equador  
Lerber Dimas Vasquez – Universidad de La Guajira – Colômbia  
Marvin Barahona - Universidad Nacional Autónoma de Honduras - Honduras  
Michael Zeuske – Universität Zu Köln – Alemanha  
Miguel Perez – Universidade Nova Lisboa – Portugal  
Pilar Cagiao Vila – Universidad de Santiago de Compostela – Espanha  
Raul Roman Romero – Univ. Nacional de Colombia – Colômbia  
Roberto González Aranas -Universidad del Norte – Colômbia  
Ronny Viales Hurtado – Universidad de Costa Rica – Costa Rica  
Rosana de Matos Silveira Santos – Universidad de Granada – Espanha  
Rosario Marquez Macias, Universidad de Huelva – Espanha  
Sérgio Guerra Vilaboy – Universidad de la Habana – Cuba  
Silvia Mancini – Université de Lausanne – Suíça  
Teresa Medina – Universidade do Minho – Portugal  
Tristan MacCoaw – Universit of London – Inglaterra  
Victor-Jacinto Flecha – Univ. Cat. N. Señora de la Asunción – Paraguai  
Yoel Cordoví Núñez – Instituto de História de Cuba v Cuba





Para Maria Rita,  
que não precisou sequestrar estes poemas -  
pois já lhe pertenciam, antes de brotar.



## SUMÁRIO

Em nome do pai, do filho e do espírito solto (de aldeias e terreiros),,,	17
<b>Livro I - Útero da palavra</b>	21
Proposta amorosa ao leitor	23
Hora do poema	25
Croqui para um poema sem inspiração	26
Inútil discurso acerca do ato de escrever poemas	27
Ainda o inútil discurso acerca da origem do poema	28
Tempo	30
Epitáfio	32
<i>De profundis</i>	33
Felino	33
Dedo de prosa (em defesa do poema)	34
Impossível flor de cacto	35
Pseudo-poema bem definido	35
O tamanho do mundo	36
Prancheta	37
Poema menos-que-perfeito	38
O poema mais feio do mundo	38
Poema das dificuldades	40
Poema da inveja	40
Poema futurista – mas inacabado	41
Iluminismo	42
Fevereiro	42
Plenitude	43
Mormaço	43
Névoa	44
Fim de tarde esplendorosa	45
Outro crepúsculo	45

Duas estrofes desinteressantes – nas vidraças de meus olhos	46
Escavação (Um pouco de nada)	46
Resto de tudo	47
Baú dos crimes	49
Ontologia da pedra	50
Grãos de palavras	51
Papéis	52
Poemeto	53
Poema opaco	53
Aviso ao leitor	54
Perguntas aos deuses do Olimpo ou aos Orixás	55
Escuressência	56
Ordem do dia	57
Fartura	57
Poema que derreteu como um sorvete	58
Poema niílista?	58
Poema das perguntas (inacabado)	60
Ampulheta	60
(O) Nada é eterno	61
Bem vindas, estrelas fugidias!	62
Arquitetos	63
Zelar pelos poemas	64
Poema travado	66
Profetas da cura	68
Com palavras não se brinca	69
poema não [concretoarmadobemamarrado]	70
<b>Livro II - Carretéis e retalhos</b>	71
Infância	73
Poema deserotizado	76

Planeta de anjos	78
A dor de ser, desde cedo	78
Teia	79
Vereda obscura	80
Sala de visitas	81
Farelo de pão sobre a mesa (Sobra de poema anterior)	83
Terraplenagem da memória	83
Poemão sobre a perda	84
Poema perdido	85
Ciranda de netos	86
Quintal arcano	87
Vidinha	88
(Mais um) poema de Natal	88
Céu (Não custa pedir ao destino)	89
Outro pedido ao destino	90
<b>Livro III - Estações do corpo</b>	93
Rito inicial	95
Estações do corpo	96
Nas águas do tempo	96
Poema só para hoje	97
A casca do corpo	98
Varal de palavras	99
Mãos	100
A flecha que atravessou o coração da tarde	102
Eus	104
O que foi feito de meu poema?	112
Passaporte	113
Propostas (às fumaças de meu cachimbo)	115
Obscena nudez	115

Espectáculo circense	116
Diálogo de corpo e alma	119
Eros & Thânatos	120
Sex shop	120
Poema por encomenda	121
Eros aprisionado	122
Deus não me livra de meu poema	123
Quero te...	124
Dissimulação	124
Paraíso artificial (Poema mal resolvido)	125
Desacerto (em rimas)	126
De mãos dadas	127
Viver e morrer a vida	128
Anjo caipira	130
Orquídea	132
Sete vidas	132
Receituário	134
Ardência	134
Poema provisório	138
Mulher-menina-mulher	140
Corpo rendido	142
Poemeto	143
Visita inesperada	143
Trajectoria	144
Bar	144
Indecisão	146
Elegia ao desejo cooptado	147
Bisturi	147

Poema-pó	148
Agradecimento	149
Noturno - (Oração final)	150





## **Em nome do pai, do filho e do espírito solto (de aldeias e terreiros)...**

...amém.

Senhor!

Mande-me as agruras da vida,  
à sua escolha,  
e tentarei passar por todas,  
sem arranhar meus pruridos éticos,  
ainda que antiquados.

Mande-me, de volta,  
os anjos que perdi na trajetória do tempo,  
desde que não venham como retrato mal falado  
de infância de rua,  
com caras sujas e olhos de dor e suspeita.  
Se me mandar - de novo - a pobreza,  
espelho fidelíssimo da ganância humana,  
enriqueça-me com a dignidade de Francisco de Assis,  
ou a “grande alma” de Gandhi.

Pode mandar-me o Demônio,  
mas na forma de uma mulher ardente,  
faceira e mentirosa,  
para eu ter de domá-la  
e aprender com ela  
as virtudes do mais fundamental pecado.

Mande-me a intolerância da mulher amada,  
a saudade dos irmãos, o amor aos filhos,  
a interrogação dos primeiros netos  
e a dificultosa sabedoria da reverência aos pais  
– ditos antiquados.  
Mande-me um concerto de cravo e flauta doce,  
os prelúdios para violão de Villa Lobos  
e o erotismo da dança espanhola,  
a melancolia indissimulável do fado,

o tremular choroso da garganta rouca do berimbau  
o arrulhar da oração noturna dos pombos no teto,  
o coaxar de sapos inquietos no lago distante  
e os “suspiros poéticos e saudades”, de Casemiro de Abreu.

Mande-me as alegorias do carnaval,  
o delírio da multidão nos estádios,  
o silêncio desafiante dos mosteiros  
com seu badalar de sinos  
– eterno mantra do tempo,  
que passa rápido sobre a couraça de minha pele.

Mande-me a prosa vespertina dos amigos,  
com suas bocas lambuzadas de chope  
e o embuste de falas inconsequentes  
- como se a felicidade se resumisse  
numa equação de palavras bêbadas e receituários.

Para eu continuar vendo as montanhas ao fundo,  
mande-me tantas janelas ensolaradas – como essa, à minha frente –  
e a capacidade de entender a visão dos cegos de nascença.  
Mande-me, sob minhas sandálias gastas,  
muitas estradas de terra e pó, ainda a percorrer  
- eco poemas para esse coração errante -  
com cercas, bambus, mangueiras,  
hibiscos, goiabeiras...  
e a imagem bucólica de vacas de olhar morno,  
plantadas no pasto e ruminando as babas  
do que lhes bastam para ser plenas.  
Mande-me o espetáculo da queda das folhas ao chão do jardim,  
que o jardineiro nunca varre por completo.  
Elas não param de cair  
só para prenunciar o destino da mais exuberante orquídea  
- abraçada aos troncos, em seu narcisismo parasitário.

Ah! Não me deixe faltar esse cão vira-latas,  
que agora me espreita na soleira da porta  
com seus olhos sonolentos de vigilante noturno  
e me jura fidelidade.  
(Esse cão rabugento

vigia minha alegria provisória,  
sem compreender que a vida  
é uma areia fina e escorregadia  
na ampulheta do tempo).

Continue a me mandar  
a crença nalguma utopia,  
ainda que só para cevar esta fome de Justiça,  
que não desgarra dessa minha consciência irrequieta.

Senhor de todas as coisas e lugares santuários:  
- matas, rios, desertos, terreiros, capelas, catedrais,  
muros de lamentação, mesquitas, nuvens...-  
mande-me de tudo,  
qualquer coisa:  
o mais do menos, o menos do mais,  
sei-mais-o-quê.

Só não me mande de volta esta solidão!

Ela se instalou no fundo de meus olhos,  
para emudecer meu riso,  
sugar o mel de meus versos  
e me corroer a alma.  
E, além de tudo,  
condenar-me à espreita do sentido das coisas,  
feito um rígido guarda palaciano,  
em meio a transeuntes risonhos e felizes  
- como os leitores que irão passear  
pelas veredas de cascalho destas páginas.



## livro I - Útero da palavra

Eu afirmo:  
meus poemas são uma espada afiada  
lutando para sangrar o sentido das coisas e do mundo.

E o poeta Carlos Moreira me propõe:  
“que fique muito  
mal explicado  
não faço força  
para ser entendido  
quem faz sentido  
é soldado”  
(ave, avesso / **duas palavras**)



## **Proposta amorosa ao leitor**

Para ler estes poemas,  
não carece:

vestir-se para uma noite de gala na Academia;

fazer dos versos passatempo de férias  
para o repasto de corpos exauridos nas rotinas;

deitar-se numa cama d'água redonda, de um quarto de espelhos  
e fazer amor com as palavras perfumadas, ilusionistas e românticas,  
extraídas dos cifrões, no gozo estéril do amor artificial;

ler os filósofos e sábios que flertaram com as mais sólidas verdades  
sobre a grandeza dos grãos de areia das praias ou dos desertos;

rezar todos os mantras de todas as religiões  
em busca daquela salvação que nenhum poema traz como selo de garan-  
tia;

convidar, para uma mesa do improvável diálogo,  
os profetas da Libertação e os mais temidos grileiros araguaios  
numa inocente esperança pela Justiça dos tribunais dos homens;

negociar, com o papel-moeda podre das palavras convenientes, o acesso  
aos poderes, constituídos para arrefecer as quietudes que nos instabili-  
zam as consciências...

Basta-te:

permitir aos pardais usufruírem dos farelos de pão  
sobre a mesa do café da manhã na varanda, sem considerá-las sobras de  
pedintes  
que não conseguem habitar a seleta fauna da Arca de Noé da Humanida-  
de;

abrir bem as narinas para sentir o mau cheiro do mundo dos homens,

protegidos dentro de templos de vidro fumê da hipocrisia moral;

permitir-se escutar a sinfonia dos ventos,  
navegando as matas ou dobrando as esquinas noturnas e solitárias dos edifícios;

assumir a coragem poética de declarar sua inveja humana  
à besta felicidade de uma galinha, que interroga a vida sem necessidade  
de palavras, com os pés plantados ao chão do mundo;

entender que a felicidade mora sempre naquele degrau ainda não alcançado  
pelos pés,  
para vê-la do alto, morando no passado da vida andarilha;

perceber que não há amor dito verdadeiro, sem que este sentimento abstrato  
se revigore no pacto obsequioso de sobrevivência com a dor;

ler a pequenez da condição humana mirando a grandeza das estrelas,  
tão longe e tão dentro, que vigiam nosso narcisismo;

desistir de querer juntar essência e aparência das coisas,  
onde se esfrelam como rendição às verdades absolutas;

desentender a morte, tanto no ressecar das folhas cadentes do outono  
como na explosão da primavera...

Para ler estes poemas,  
cumpra, finalmente:

desconsiderar este roteiro (de pseudo autoajuda) para a vida...  
...caso tenha buscado sua substância nas gôndolas de algum hipermercado virtual.



## **Hora do poema**

No instante em que,  
na escuridão da noite, tudo se cala,  
sapos estouram suas barrigas  
e grilos esquentam seu refrão.  
- que hora é essa?

No instante em que as águas cíclicas das estações  
congelam o lago,  
o universo de Einstein parece mudar de rumo  
e os corpos exaustos desdenham o amor,  
- que hora é essa?

No instante em que a Bíblia, a Torá,  
o Alcorão ou o Livro dos Vedas  
não clareiam mais as veredas,  
e nenhuma Madre Teresa de Calcutá  
vem me prestar solidariedade,  
- que hora é essa?

No instante em que os autores  
se calam nas estantes,  
sufocados pelo obscurantismo pátrio,  
e o pano de boca do teatro da História  
não abre por falta de plateia  
- que hora é essa?

No instante em que devorar,  
em famintas colheradas,  
a filosofia de Shopenhauer  
ou a pedagogia de Freire,  
que nada acrescentam à mais-valia de almas pragmáticas,  
- que hora é essa?

No instante em que não sobra uma gota sequer  
do perfume da vida plena,  
sob a escandalosa nudez da razão,

e o silêncio dos vencidos precisa se transmutar  
em um oásis mínimo de sobrevivência,  
ainda que só para lapidar a pedra das horas, na garganta da angústia...

essa é a hora do poema!

Palavras servem apenas para remover as cinzas  
da lenha queimada do ser  
sob o cobertor da brasa dormida.

Tão somente um pouco de nada!

## **Croqui para um poema sem inspiração**

Vou construir um poema.  
Um poema? Sim.

Um poema assim:  
tijolo, cal, cimento, palavra,  
verso,  
reverso,  
terraplenagem, pedra, lavra,  
metragem, tim-tim por tim-tim.

Devagarim, uai,  
bem mineirim.  
Não importa  
se bom ou ruim.

Início,  
prenúncio de fim?

Enfim,  
um poema igual a mim.

## **Inútil discurso acerca do ato de escrever poemas**

À espreita do grito a ser abafado,  
cometo meus poemas  
como a faca da palavra,  
com seu aço silencioso,  
ronda a pera sobre a mesa.

Abrir por dentro da casca  
e abocanhar o núcleo da fruta:  
o dente esmagando a semente  
na gula da compreensão.

A nudez deserotizada da razão  
expõe a equação das coisas  
e venda os olhos do coração.  
É quando o poeta se perde em sua fome,  
o ser virando não-ser,  
no assassinato do sentido:  
erro-sobre-acerto-sobre-erro...

Cumprir passar ao largo dos acontecimentos,  
enquanto o mundo vomita, aos quatro ventos,  
seus discursos de tribunas:  
fartura de pera fresca e podre,  
em estridente falta de verdade.

As avenidas estão abarrotadas  
de uma razão silenciada pela lógica  
e eu andando na contramão.

Se carrego um estômago faminto,  
é para devorar o frescor das frutas dos caminhos  
enquanto os olhos da alma  
vasculham o que há de minúsculo e singelo.  
Na beleza oculta das coisas  
é que mora a contradição do poema.  
É ele que morre, exangue,

quando não mais pulsa minhas artérias  
e agita minhas pálpebras.

A palavra quente, que do coração derrama,  
- vício incurável de uma procura estranha –  
é que me faz abrir as asas de inútil entendimento.

Resta vomitar no poema,  
meu medo de voar com elas.

No fio de aço da palavra,  
faca ensanguentada do verbo,  
é que o poeta descansa,  
insaciado.

## **Ainda o inútil discurso acerca da origem do poema**

O poema brota, mesmo, é de onde nós estamos?

Eu poderia estar em Hollywood,  
estrelando filmes e virando celebridade;  
fazendo cruzeiros nos mares do Norte ou do Sul, Leste ou Oeste,  
tomando vinho com intelectuais no *Quartier Latin*.  
Quem sabe, pousando na lua  
para proclamar que “a Terra é azul”  
- refresco para os olhos, sobre uma Humanidade vista à distância?

Qual nada!  
Navego as ruas de uma cidade das Gerais,  
maltratada pela pobreza  
o que põe a beleza ilusória de meu poema em risco!

Mulheres de pé, nas portas das casas, diante de paredes sujas  
escancaram o silêncio conformado de seus rostos apreensivos.  
A desesperança que não consegue se esconder no medo,  
sequer se revelar na revolta,  
e nenhuma Sociologia Libertária resolve.

Parece que os pobres entram na fotografia social  
só para obscurecer meus poemas.

Ainda bem que há fundos de quintais feito aquarelas,  
exibindo mangueiras frondosas,  
salpicadas de amarelo e rosa dos frutos de novembro,  
para sujar as bocas da infância, sem destino certo;  
bananeiras com cachos granados  
e cães vira-latas, puro osso, fazendo xixi e filhotes  
só para perpetuar esses versos, duros de serem escritos  
com os olhos do coração.

A felicidade existe ou não existe?  
Quem resiste?

Nas caídas das noites,  
esses personagens de Victor Hugo,  
adentram as salas para mastigar o garfo da miséria,  
enquanto massageiam os cérebros.  
Telenovelas continuam escancarando  
o brilho visual e virtuoso de sonhos engravatados,  
capturados na cotação de bolsas febris do sentimento melodramático,  
para os batedores de roupas sujas das futilidades alheias.

A atriz principal vai terminar com o ator galã,  
num frisson de olhos eletrizados.  
A felicidade deve fincar o pé onde nós estamos  
e a Humanidade toda  
está doida pra bombear seu coração  
no espetáculo masturbatório do fascinante *happy end*  
- troféu da recompensa, calculado a conta-gotas.

E eu,  
que continuo a não saber  
de onde mesmo deve brotar o poema?

## Tempo

Sobre a água corrente,  
da fonte que medra,  
sob a pedra,  
eu vejo,  
diariamente,  
essa lesma,  
tão lenta, tão lerda!

Essa lesma?  
É ela mesma,  
lerda!

E a sempre mesma,  
e lenta e lenta e lerda...  
ainda permanece a mesma,  
sobre a pedra.

E durmo  
e sonho  
e acordo  
e vejo/revejo  
a mesma lesma...  
lerda!

Em sol e chuva,  
dia e noite,  
eternamente mesma,  
essa lenta e lerda...  
lesma?  
Que merda!

Enquanto houver tempo para destilar  
a lentidão dessa lesma,  
essa mesma lesma, lerda...  
Enquanto houver pedra  
e o silencioso canto

do lento movimento  
da mesma e lenta lesma,  
essa mesma e sempre mesma,  
em tempo algum  
compensará o tempo que a herda...

De que vale  
essa gigantesca perda de tempo,  
se essa mísera lesma,  
ela mesma, lenta, lerda,  
faz e desmancha  
o movimento do poema,  
tão mudo sobre essa pedra?

Seu silêncio é seu avesso grito  
de eterno devir,  
na gosma de seu ser diluído,  
exibindo o risco prateado de um alfabeto mudo  
sobre essa dura lousa de pedra.

Lesma que me provoca,  
e eu, sem sabedoria,  
guardo, na bolsa a tiracolo,  
o fardo da impaciência,  
sob memória e esquecimento  
- e também me torno  
eternamente lento  
tal como essa lesma,  
lerda!

Ela desenha  
vereda e destino,  
cujo saber me herda.

Toda ôntica e nada ontológica,  
essa mesma lesma,  
lerda,  
ela mesma, sem nenhuma lógica,  
expõe a navalha invisível do tempo,  
em seu corpo em lento movimento,

sobre a mesma e eterna pedra!

## **Epitáfio**

Qual o problema  
do poema?

Lapidar a pedra do corpo  
sem chegar ao coração?

Granito,  
mármore,  
lavra,  
pura-palavra,  
paralelepípedo:  
essência!

Flores vivas/desbotadas  
Murchas/ressecadas:  
pura existência!

O poema dura  
quando feito de matéria nobre  
(ouro, aço ou cobre!).  
Mas...  
para além da rima rica  
ou da rima pobre,  
qual o seu real problema?

A vida não é a vida,  
senão, a obra.

A obra... é apenas obra,  
e o que, da vida,  
sobra!

Um relógio de areia,  
um encontro marcado,



um entulho de versos,  
uma simples canção.

Prefácio,  
posfácio,  
epígrafe?

Epitáfio:  
A morte  
é o tiro certo  
no coração da razão!

### ***De profundis***

Sempre quis escrever poemas,  
desde as abissais regiões da alma.

Mas hoje não consigo enxergar o fundo do lago,  
onde os peixes nadam suas escuridões prazerosas.

### **felino**

Com as nervuras sanguíneas do dorso curvado,  
o pelo, em antenas, arremetido,  
o gato espreita o lagarto sobre o muro  
e escreve seu poema com os olhos.  
Ele me ensina  
para que não servem as palavras.

## **Dedo de prosa (em defesa do poema)**

Você me diz  
que meu poema é feio.

E eu lhe digo – e bendigo:  
Tá certo! Tá certo!

E saio de dentro do copo cheio dessa noite,  
onde sempre perco a lucidez  
e tento pisar de novo, feito bêbado feliz,  
na escadaria das perguntas.

O que é feio?

Viver sem dor,  
quando se desfaz o mosaico ilusório da paixão  
que lhe atira o nariz ao chão?

Não poder enxergar  
essa barriga arredondada,  
grávida de beleza,  
da lua,  
- essa lanterna frágil e indecisa -,  
como se ela já não morasse  
no quarto luminoso de meus olhos,  
antes de embaralhar a escuridão da noite?

Passar ao largo  
sem enxergar, por costume,  
a caçamba de lixo e miséria  
que a Humanidade produz?

Não perceber  
o tanto-quanto de prazer extraído  
do seio farto de leite  
para o deleite do recém-nascido,

ou o trabalho de descascar, sem pressa,  
uma laranja?

Ah! Deixa pra lá!  
A vida cuida de dar um brilho nele,  
com a graxa de sua própria feiura!

## **Impossível flor de cacto**

Não há flor de poema  
que embeleze a paisagem árida e seca.  
A flor que o cacto anuncia entre os espinhos  
é a mesma que sangra os dedos famintos  
de poetas embestados.

A própria vida,  
devir perene de si mesma,  
se esmera no excesso de clareira do sol  
e só faz queimar a flor anunciada.

A melancolia  
não é apenas uma água barrenta,  
do espelho do lago da alma.

## **Pseudo-poema bem definido**

Continuo perguntando:  
onde está o tal  
do poema ideal?

Entre mim e o tal poema  
há uma distância que a vida não dá conta  
e eu permaneço sem a muleta da melhor palavra.

Sem o estoque de verbo e vida, sem alento,

mas voltado a um consumo compulsório,  
de palavra e silêncio – que se misturam –  
preciso de algo para me aliviar desse mal-estar:  
uma bebida suave para um trago,  
num copo inexistente sobre a mesa.

E como se fosse um criador  
bêbado, trêmulo e genial,  
escrevo este poema, mentindo para mim mesmo  
tão límpido e tão profundo,  
sentindo-me melhor que Deus  
no dia em que inventou criar o mundo.

Ele vem,  
bem lapidado,  
rimado, latinizado,  
e perfeito  
- *per factum* – só para parecer sofisticado!

O resto,  
– e que mais interessa, da imperfeição perene da palavra –  
deixo para as almas que galgaram ao pódio da lucidez  
- ou do espetáculo.

## **o tamanho do mundo**

De cócoras,  
enterro meu coração na areia  
e dele extraio alguns grãos de palavras.

É a filigrana que resta  
do ser de meu poema,  
tão escasso como o espaço de sua gestação.

O olhar sobre as circunstâncias  
dá a medida da alma;  
bastam-lhe alguns nacos de qualquer coisa

para viver, sem maiores pretensões,  
sua magnitude.

Poemas

- os que recolho ou os que perco -  
me ensinam que nem preciso ser mais importante  
que uma formiga laboriosa.

Mas quando ergo a cabeça  
e contemplo,  
na silhueta do horizonte,  
dunas, montanhas de pedras e a força dos ventos,  
imagens em desencontro selam o destino das palavras.

Não há por que fazer poemas  
diante de um deserto de homens.

## **Prancheta**

Não entendo os olhos de meu coração.

Carregam em suas pálpebras uma trava  
para o encontro do céu com o mar,  
e fazem de meus versos  
a argamassa lógica,  
no canteiro de obras de um engenheiro do nada.

A trena da razão existe  
só para desentender o coração da palavra?

O tormento do sentido é o óleo da pergunta  
que brota das artérias,  
na carne fresca do poema

E a pedra-alicerce para a criação  
vira uma alma sem asas e presa ao chão,  
depositada sobre a escrivanhinha dos dias.

## **Poema menos-que-perfeito**

Na juventude sem peias e fronteiras  
criei poemas, em arroubos,  
e desde então me soaram imperfeitos.

Nos anos renitentes da maturidade  
incauto e insatisfeito,  
ensaiei outros,  
mais cândidos, equilibrados  
e a imperfeição se agravou  
para regar meu desagrado.

Já no portão da idade óssea,  
de uma senilidade tida como sábia,  
refaço a arquitetura dos versos  
e a imperfeição de meus poemas  
vira notória teimosia.

Sobra-me a inveja de Deus,  
- na palavra que se quis ausente -  
para o arremate do trabalho.

Onde moras,  
imagem e semelhança?

No mero espelho reluzente  
de uma simples gota de orvalho?

## **O poema mais feio do mundo**

O morto, à minha frente,  
encerra toda palavra dita,  
bendita ou desdita,  
na mordança, sem defesa, de sua boca,  
e espelha um silêncio de caverna,

cravado na pedra do corpo.

Seu nariz,  
empinado contra o teto,  
livre do odor de velas e flores,  
parece uma parábola  
de uma gélida geometria

Seus olhos cerrados  
não arregalam mais a alegria  
de trazer notícias aos viventes.  
Olhos sem brilho  
são o fim do sonho,  
de anos e anos e anos...  
- ou apenas o recomeço  
do abismo dissimulado dos enganos?

Diante do calabouço do corpo,  
desse irmão impotente que se vai,  
resta-me ensaiar o mais feio dos poemas.

Fim das paixões, e da aventura,  
muro intransponível do medo,  
a morte é uma ratazana noturna  
que devora, noite a noite,  
um pedaço do calendário dos dias.

Mas quem ousa ignorar  
que a morte, desde sempre,  
não é outra coisa que aí se vê?

Escandalosa, e corrosiva,  
abre seu riso de escárnio,  
diante de olhares úmidos,  
de parentes ou amigos.

Na vitória sobre a vida,  
ou num pacto irreparável,  
negociado, sob o tormento  
de anos, meses e dias,

contra a coragem do suicida.

É a vida! É a vida?

## **Poema das dificuldades**

No jardim envelhecido de minha casa  
- entre canteiros floridos de minha alegria,  
ou no solo ressecado de minhas dores -  
leões rondam meu coração.

Eu os mato, um por um, a cada dia,  
para salvar a lucidez da razão,  
e o cuidado para não pisar nas flores  
- que sempre esqueço de enxergá-las.

## **Poema da inveja**

Medrosa, suja, despenada,  
sem *beauty parlor*, nem *glamour*  
pra regar sua vaidade,  
a galinha cisca o ouro da terra  
feito um garimpeiro afortunado.

Desmemoriada e sem futuro  
e de nada necessitando para o castelo de seu terreiro,  
ela planta interrogações nos dois vasos de meus olhos.

Que lugar ocupa, essa criatura mínima,  
no concerto do universo?

Poedeira-reprodutora  
de proles, cacarejos e pios,  
sua felicidade plena  
entorta



a aorta  
desse meu coração intenso  
e quase me enfarta  
com sua postura de enigmas.

Ocupado com sóis, planetas e estrelas  
não devo perder meu tempo  
e o de meus versos nobres  
com essa felicidade pouca.

Com uma trava nas palavras  
converso com esse galináceo bípede subalterno,  
que não necessita de sonhos  
para ser em plenitude.

Por que, então,  
essa inútil criatura  
parece mais feliz que eu?

Essa cândida inveja  
me faz descer da árvore da infância,  
aprender a ciscar o chão da vida,  
ler a candura de seus olhos,  
revolver entulhos de sentimentos  
e desemburrecer minha humanidade.

### **Poema futurista – mas inacabado**

Sou todo um eu digitalizado,  
mas com o relógio do coração em atraso.  
Minha cabeça refaz as mesmas perguntas  
dos homens das cavernas.

## **Iluminismo**

Toda manhã, quando me levanto,  
as portas do dia me escancaram a luz do sol  
gigantesco poema a me cegar.

Se viro a razão ao avesso  
não há deus-sol que a ilumine  
- mesmo se eu morasse em Paris.

Enquanto houver desacerto com a razão  
é assim que me sentirei iluminado.  
- Inútil, cego, mas iluminado!

## **fevereiro**

De repente,  
tive raiva do mês de fevereiro,  
que não me trouxe poema algum.

Engano é pensar que todo mês é farto em safra de palavras.

Eu que me imaginava um poeta-general  
postado diante da tropa obediente ao poder de meus versos.

Tudo bem!  
Raiva justificável de perseguição de utopias.

Esse vício incurável é que rega as verdades.  
- Verdades que o tempo se encarrega de curar.

## Plenitude

Hoje eu me preparo  
para escrever meu melhor poema,  
que não poderá ser o melhor de mim  
por ser o pior de mim.

O que fazer?

Preparar-me  
para continuar virando  
as esquinas dos anos,  
fingindo que estou pleno.

## Mormaço

Observo o mormaço da tarde,  
que cozinha meus olhos  
e enferruja os ponteiros de todos os relógios.

As horas parecem um funeral perene do tempo.

Tudo isso,  
porque a vida, sem plenitude,  
me prepara,  
mais uma vez e sem tréguas,  
para dialogar com a solidão da noite.

Observar estrelas tilintando,  
é o modo de compensar  
o jogo de palavras dos homens,  
no desperdício de suas dissimuladas alegrias.

Nacos verdejantes de poesia implícita,  
brotam sobre a terra árida  
de meu olhar de miragens.

E o modo implacável de ter de ser,  
seca minha boca  
enquanto mastigo  
o resto de luz do dia.

Feito a virada de uma esquina banal  
os ponteiros deverão apontar  
para o raiar da aurora,

e minha alma, silenciosa e pasma,  
sobra no cosmo,  
como a semente mais infértil dos viventes.

Resta apenas um riso de menino,  
recuperado dos escombros da memória.  
Virá, mais uma vez,  
derreter o óleo pegajoso do tédio.  
É a chance para eu,  
com essas estrelas nos bolsos do coração,  
refazer as trilhas do amanhã.

## **névoa**

A tarde arrastou-se, lenta.  
Um pano de névoa,  
sem figuras de rosto nas nuvens.

No fim do dia,  
nada diferente do começo e do meio,  
seus fantasmas deletaram meus *e-mails*  
trancaram minhas gavetas,  
apagaram o fogão de lenha  
e me prepararam para dormir  
dentro de uma noite infinita  
- uma vez que desmemoriada.

Precisei buscar meu anjo da guarda

num esquecido álbum de fotos,  
virar mais uma folha do calendário empoeirado na parede  
e puxar o cobertor de um agridoce silêncio.

Onde está a coruja,  
que hoje não veio me visitar na cumeeira?  
Deve ter voado para os mosteiros longínquos,  
entre penhascos congelados,  
para ir filosofar com os teólogos medievais  
sobre a ressurreição dos mortos.

### **fim de tarde esplendorosa**

Essas maritacas aflitas, do fim de tarde,  
estouram a bolha de silêncio de meu peito.  
Sob o diapasão de sinos invisíveis da memória,  
ditam o mantra de ave-marias  
que desaprendi a rezar.

### **Outro crepúsculo**

Aos que mendigam  
o sentido das coisas visíveis,  
abundam nuvens de fogo do fim de tarde.

E eu convido os cegos  
para comer, com nossos olhos,  
o lado oculto da fruta saborosa do mundo  
que só eles enxergam mais a fundo.

Resta dormir,  
empurrado para dentro de um vazio de poço,  
e ordenado ao silêncio pelos pássaros aquietados.

A noite derramará o caldo suculento de seu mistério  
e o céu parecerá um enorme berço  
de seres noturnos à espreita.

Quanto a mim,  
entre esses habitantes noturnos,  
sem um rosto definido:  
anjo recaído  
ou demônio falido.

## **Duas estrofes desinteressantes – nas vidraças de meus olhos**

A ferro em brasa  
o ferreiro, em marteladas,  
dá forma ao metal sobre a bigorna,  
estalando a corrente das horas:

Vida vira trabalho que vira vida.

O ferreiro é um poeta embrutecido,  
que um dia brigou com a razão  
e foi condenado ao forçado trabalho  
- de encontrar uma saída.

## **Escavação (Um pouco de nada)**

Hoje senti desejo  
- ou necessidade -  
de desengavetar meus poemas.

A química invisível do pó do tempo os amarelou.  
Alimento de insetos furtivos, escondidos nas dobras da madeira.

Muito papel, mais papel...  
mais um pouco de nada.

Um nada que teima em não acabar.

E se um dia vierem a público,  
vou sentir prazer e dor  
em ocupar o tempo do leitor.

## **Resto de tudo**

Feito um alambique antiquíssimo,  
o relógio da parede distila o líquido do tempo.

O cuco,  
pássaro impertinente e acusatório,  
rasga a malha transparente,  
falsa e gritante,  
de meu silêncio.

Mais uma hora  
aberta pelas torneiras dos ponteiros.

Meu corpo,  
de um bêbado acostumado,  
permanece encharcado pelas doses de cachaça das horas  
- a transpirar e esmorecer sem dor.

Viver, de fato pode nem doer mais.  
Mas a quem já plantou a semente da indolência,  
resta o fruto sempre indeciso da dúvida.

A tarde está quente como a caverna dessa sala.

Pra que perguntar sobre a magnitude do tempo,  
se nem consigo ir à janela, para beber, com os olhos,

a beleza das nuvens?

Esses meus lábios úmidos e de sorriso opaco,  
e esses meus ouvidos atentos às brincadeiras de roda da infância,  
- rarefeitos na névoa do esquecimento -  
é o que me resta de mais caro.

A felicidade – fugidia? – parece uma mulher nua,  
meio deusa, meio prostituta,  
que provoca meus desejos  
e vive a brincar de esconde-esconde  
num bosque perfumado e espesso.

O mundo à minha volta oscila entre  
a contraordem do pêndulo nervoso desse relógio  
e a sístole-diástole desse coração enfraquecido pelas paixões.

Se eu convivesse com os grandes poetas,  
nossa amizade seria uma burocrática reunião de invejosos,  
coordenada por mim.

Daqui a pouco

o relógio reivindicará outra lembrança  
da matemática implacável do tempo,  
que roubou o argumento moral das coisas ditas eternas.

O que importa,  
se, para ser feliz,  
posso deixar de sê-lo, agora,  
como prenúncio para também não ser depois?

O copo,  
meu servidor de plantão sobre a mesa,  
em pequenas doses continua a me chamar  
para esse vício de viver o ócio das palavras.

A felicidade – perene? – sem passado nem futuro,  
bem que poderia remover este estado suspenso  
da agonia das perguntas.



Não sei se sou feliz,  
mas sou o resto de tudo o que me sobrou.  
E me basta, hoje,  
o que ontem já me bastou.

## **Baú dos crimes**

Alguns homens, *in extremis*,  
cometem crimes.

Não seria mais razoável, escrever poemas?

Ledo engano!

Entre esses dois atos  
há uma parede que apenas separa  
dois quartos de um mesmo hotel.

Não há real versus imaginário,  
destino ou tragédia.

Amar é erro maior do que falar em demasia do amor?  
Expor corações partidos não silencia o sentido oculto  
dessas máquinas produtoras de paixões.  
Mas se não há razão para o crime,  
tampouco para o poema.

Ainda bem que alguns homens  
tão somente cometem poemas,  
sob o falso véu da inocência  
- já que a nada eles serviriam.

Tudo bem.  
Sobre a água corrente das palavras  
cumpre cometer poemas,  
sem compromisso ou cumplicidade

com a vida plena.

## **Ontologia da pedra**

O rumor melodioso,  
saltando sobre espumas dessa correnteza,  
abre todas as janelas de meus versos.

Dura,  
duradoura.  
Esta pedra,  
despida do poder da palavra  
– salvação e perdição do mundo –  
regurgita seu silêncio, eterno e inquietante.  
Sugando o néctar do que escrevo,  
feito um beija-flor estático.

Ela eterniza sua compreensão de mundo  
sem se iludir com o resultado da poesia  
e me instiga a ser mais pleno e inacabado,  
só por não ter acerto algum com a vida.

Nunca me deparei com uma pedra política,  
uma pedra literária, uma pedra acadêmica.  
e aí reside sua aristotélica condição,  
amaciada pela água e o musgo.

Eu vou.  
Ela permanece um enorme ouvido,  
muda, imperecível e bela.  
E as palavras inauditas  
de sua dura e refrescante natureza  
é que expressam minha finitude,  
como espécie de complacência.

Meus pés a sentem feito a espuma de um travesseiro

e essas águas, nuas e límpidas,  
deitam e rolam o gozo da vida,  
num batismo inacabado, profano e natural.

Transito sobre ela,  
consumindo a sola dos pés  
e a pedra os acaricia,  
tão transitórios,  
no rigor dos anos e na lama de meus caminhos.

Toda a humanidade que carrego nos ombros,  
não passa de um ponto, minúsculo e cego,  
entre nuvens de palavras.  
E a pedra permanece aí,  
vitoriosa, no sopé da montanha,  
exibindo a contrapartida de ser eterna.

Não invejo a pedra.  
Não porque não morre,  
mas pela sua capacidade de olhar  
o que não posso ver.

Escorregadia,  
a pedra me segura.

E absorve  
a substância perecível de minhas palavras,  
como o assobio do pássaro que ora nos observa.

Se a Humanidade não puder (ou não quiser) ler os meus poemas,  
essa pedra, na poética avessa de sua condição,  
os devora como a fome de meu silêncio compreensivo.

Minha gratidão, de contraditório sentido,  
vira o moinho que move e esmaga minha palavra,  
nesse rio do tempo que me lava.

## **Grãos de palavras**

Esses poemas não chegarão  
às lojas de vidro dos *Shopping Centers*.

Eles brotam do chão de pedras  
e do escuro dos becos.  
Ou do frio noturno  
para os caminhos, sem um norte,  
dos ventos.

Grãos de palavras,  
atirados ao chão  
para amadurecer,  
sobre os paralelepípedos das cidades,  
ou ser pisoteados  
pelos calcanhares dos homens.

## **Papéis**

Meus poemas não param de chegar.

Vêm dos quatro pontos cardeais  
para chacoalhar esses olhos sonolentos.

Querem apenas reentrar em sua própria casa,  
trazendo a leitura do mundo.

Visitantes de mim mesmo,  
os recolho e nem mais os estranho.  
Meus poemas me reconhecem  
mais do que eu, a mim mesmo,  
me reconheço.

Famintos de sentido,  
não trazem uma cesta de ilusão sobre o mundo  
em inspirações poéticas consentidas.

Só quiereras de mendicância,  
das sobras de vida deixadas nas estradas.

Quero crer, entretanto,  
que nem são obras de um humanismo edificante,  
ofertadas aos mendigos, nas manhãs de domingo.  
Sequer tenho como culpar a minha alma cativa,  
quando as recebe como lenitivo de consciências culpadas.

Às vezes me deparo com versos e verbos imperativos,  
vindos do ar, de várias procedências,  
tal e qual recebo qual uma hipoteca,  
um ofício ou uma dívida, a bater na porta da rua.  
E não deixo de tudo recolher  
com a mesma atenção a um carteiro educado.

Palavras que me chegam,  
estrelas que não me escutam  
ou pedras que me rodeiam  
têm o igual valor:  
mesma coisa em coisa alguma,  
da beleza, sem cor, do teto de minha morada.

Bem vindos, poemas!

Mas que não sejam  
apenas sobras da pesada bagagem  
de uma alma cansada.

## Poemeto

Se eu fosse Jean-Paul Sartre,  
escreveria um leve poeminha,  
só pra me livrar da incumbência  
de ter de desentender a existência.

## Poema opaco

Meus poemas agora dormem  
nas gavetas ou nos arquivos da *Web Cloud*.

Um todo-silêncio  
de nada ser  
- em nuvens.

Puro éter,  
eles só não dormem  
como o meu cão.

Ali, ao rés do chão,  
olhos fechados,  
amassa o sonho  
em grunhidos abafados por enigmas e dores  
- em diálogo cósmico com outras criaturas,  
seus amigos ou detratores.

Se o cão não sabe o seu sonho  
tampouco sabe o quanto o compreendo.

Só não compreendo por que o tempo  
vai transformando a fala dos homens  
numa tábula rasa de palavras opacas.

Só o meu coração é que entende  
o quanto esse meu cão  
faz falta à Humanidade.

## Aviso ao leitor

*Quem passou pela vida em brancas nuvens  
E em plácido repouso adormeceu*

*Foi espectro de homem e não foi homem  
Passou pela vida e não viveu.*

Roubei esses versos de meu meio-xará,  
o poeta romântico Francisco Otaviano,  
para dizer ao leitor  
que sou um mentiroso plagiador,  
pequeninho e ordinário,  
desjuramentado em cartório literário.

E os deuses, pagãos,  
sem qualquer piedade cristã,  
sempre entregaram em minha porta  
uma caixa vazia como presente  
- palavras vãs que a roda dos dias opera.

Às vezes choro, reclamo, imploro;  
às vezes rio desse vazio.

Se avexe, não!

Minha dificuldade de ser  
é que emperra o poema  
- que tanto o leitor espera.

## **Perguntas aos deuses do Olimpo ou aos Orixás**

A que me valeria a graça  
de me tornar moderno,  
neomoderno,  
ultramoderno,  
transmoderno,  
até mesmo pós-moderno,  
se não posso ser eterno?

Se tal privilégio divino  
me contemplasse o destino,

como alimentar a proeza  
do glorioso prazer e da inevitável dor  
de ser ao menos vagamente lúcido,  
desde que teimosamente utópico?

E nos finitos dias da vida, supostamente eterna,  
como me manter poeticamente lírico,  
radicalmente telúrico,  
saudosamente pueril  
e deliciosamente terno?

## **Escurecimento**

O Criador quis brincar comigo  
ao colocar todo o tempo de uma eternidade  
no finito espaço-tempo de um cair da tarde.

Galinhas e pássaros  
depositam ovos  
no aconchego dos ninhos,  
e vacas preguiçosas  
comem os ramos da indolência  
sem dar bola para o fundo dourado do sol  
que morre mais uma vez dentro de seus olhos.

Sonhos ou pesadelos  
vêm da consciência do tempo.  
E uma hora chegou  
em que não posso mais  
rogar a Deus que me salve!

Do útero da noite vindoura  
preciso renascer pela milésima vez,  
para continuar iludido com as estrelas  
ou a vaga ideia do paraíso.

Ainda que só para me dar conta



de que os bichos - ditos “sem alma” -  
no mosaico do amanhecer  
serão mais felizes – sem o saber.

## **Ordem do dia**

No frescor das manhãs,  
derramo, em papéis em branco,  
o caldo de poemas noturnos,  
como quem deita água numa bacia.

Lavar o rosto,  
é a primeira ordem do dia.

A alma encardida do fundo dos olhos  
mancha o instrumento asséptico da toalha  
e me afasta do espelho.

É onde meus poemas, tão sonhados,  
se evaporam.

## **fartura**

Despejo poemas no monitor  
como num silo de colheita farta.

Ajo como quem dá milho às galinhas  
no terreiro da cozinha,  
ao pé da porta;  
despojo de beleza  
de um quadro de natureza morta.

Meus versos não são as sobras de mim mesmo.  
São minha substância, dizendo, a todo momento,  
que não há poema sem sofrimento;

mesmo sob a aparência de quíleras  
que pombas e galinhas recolhem,  
na alegria e na sorte  
de serem desprovidos da palavra.

E nessa doação de mim mesmo,  
o que mais importa,  
e me alivia e me conforta,  
é que não tenho de negociar com eles  
o tamanho de minha dor.

Até quando minha dedicação à beleza  
será o termômetro febril de minha perda?

### **Poema que derreteu como um sorvete**

Essa cama de cedro  
um dia foi uma árvore frondosa.

Esse cerrado ardendo em chamas  
um dia deu abrigo aos gaviões, lobos e veados,  
tatus e tamanduás, cupins e formigas.

Esse pedinte peregrino,  
um dia teve sonhos de infância.

Essa lua escondida,  
entre chaminés e fumaça,  
um dia banhava-se no espelho d'água do lago  
para se embelezar, de corpo e alma,  
- no cio convidativo da noite.

Esse poema é sem sentido,  
pois um dia teve alma,  
tinha versos, rimas e nome.

## Poema niilista?

Não sei se faz sentido  
perguntar se viver não faz sentido.  
Ainda que me mudasse para New York,  
e falasse o Inglês mais fluente  
era ver se o problema da vida  
reside no idioma.

Faz sentido esperar pelo Natal,  
com seus *panetones* e castanhas  
ou saborear um tutu à mineira?

E se eu andasse à toa,  
numa estrada de terra,  
emparelhada de mangueiras fartas,  
esbanjando pó e vertigem?

Faz sentido ir para a guerra  
e virar herói condecorado,  
combatente cooptado  
de utopias alheias?

E se eu pusesse *piervings* nas sobrancelhas  
e estudasse religiões orientais?

Só imploro a todos os deuses  
e a meus cúmplices,  
que esse poema, grávido de sentido,  
não faça um salto suicida,  
da reluzente torre de dúvidas  
que teimamos em chamar de vida.

## Poema das perguntas (inacabado)

O que há de mais sublime?

Andar a cavalo,  
com chapéu e pito de palha nas orelhas  
seguido por um cão fiel?  
Galgar os degraus de um templo?  
Adentrar nos portões da escola para dialogar os saberes das ruas?  
Tregar no cajueiro da infância?  
Despir, com volúpia, uma mulher enlouquecida?

O que há de mais sublime?

Preparar uma noiva aflita  
para a hora derradeira do casamento?  
Dar beijos de despedida - em aeroportos -  
nos filhos que irão buscar futuro?

A pá da razão atira a felicidade  
nos bueiros das esquinas,  
e minha alma,  
de pés descalços e nua,  
no meio da rua,  
me impossibilita terminar este poema.

## Ampulheta

*- Em que espelho ficou perdida  
a minha face?  
(Cecília Meireles. "Retrato")*

Quanto mais me preocupo em ser,  
não sou.

Quanto mais avanço nas sendas do não-ser,  
parece que sou.

Observo os homens sendo, à minha volta,  
e minha alma balançando numa gangorra.  
Oscilar entre ser e não-ser  
este devir,  
é viver?

A vida é sonho, entusiasmo,  
dor, pecado, salvação, espasmo.  
Se muito me questiono,  
adormeço sobre o que resta de mim  
e me abandono.

Escorregar no funil da ampulheta  
o tempo inteiro, a todo instante?  
Que pena!  
Não há areia fina, o bastante.

### **(O) Nada é eterno**

A arquitetura romana passa,  
como passa o teatro grego,  
o túmulo do Faraó  
- ou qualquer governante.

A mitologia maia passa  
como o folclore marajoara.

Passa a água da cascata  
como a montanha de Minas  
ou o canto da juriti.

A caravana passa  
como o trem das onze  
dos *Demônios da garoa* paulistana.

A infância passa  
como a velhice e o esquecimento.

A modernidade passa  
como o apito da fábrica do bairro Bangu  
o telégrafo e o carteiro  
o *hardware* e o *software*.

O planeta passa... e como passa!

Tudo vira pó,  
mesmo o instrumento da palavra,  
que um dia virou poema!

E minha dor é perguntar:  
o que serão desses versos  
sem a alma do leitor,  
que passou por eles  
sem o poder de eternizá-los?

## **Bem vindas, estrelas fugidias!**

*A noite me pinga  
uma estrela no olho  
e passa.  
(Paulo Leminski. "Alguma poesia")*

Quando o raiar do dia  
arrebenta a bolha escura do horizonte,  
as estrelas despencam, uma a uma,  
com um provisório aceno de adeus.  
E nem a luz do meio dia  
derrete plenamente o brilho tímido  
desses pingos de luzes indecisas  
que ficaram dormindo dentro de meus olhos,  
cegados pelo excesso de sol.

Parecem pássaros de luz  
expulsos do cobertor da noite  
numa migração continental.

É por isso que as guardo  
como moedas reluzentes,  
em minha mente.  
E meu coração, tão cuidadoso,  
também as guarda, uma a uma, todas elas,  
em sua gaveta de segredos  
no país longínquo de meus degredos.

Ainda bem que os dias, tão claros,  
não passam de uma nostalgia das noites.  
E na volta dos dias, à procura da escuridão,  
elas vêm germinar  
no chão árido de minha alma.

Daí, solto um riso de prazer  
que espanta o silêncio medroso da noite.

Que fazer,  
se só consigo renascer,  
pra valer,  
de dentro de minha escuridão?

## **Arquitetos**

*Hic et nunc*, - só para parecer culto! -  
parado nessa cadeira,  
entoo uma reza sem palavras  
de um tempo suspenso,  
- ou um terço invisível de mil ave-marias.  
E meus olhos nem piscam  
como quem entra numa galeria de arte.

Arte em céu aberto

- que os críticos não observam para seus cadernos de ensaios.

Sob o abrigo do telhado e o conforto da coluna e madeira,  
duas rolinhas insignificantes  
negociam o prazer do trabalho  
e me inquietam por eu ser apenas humano;  
recuperam a grandeza de Marx e Chaplin,  
e escancaram o coração da natureza  
pulsando em seus grãos de olhos medrosos.

*Ora et labora,*  
o pão sem palavra.

O trabalho e a oração dos pássaros  
escancaram uma linguagem  
que imagino vir do ninho de amor,  
- palavrório de sonetos,  
inacessível aos poetas mais atentos.  
Felicidade a ser logo esquecida,  
no arrebentar dos ovos,  
pelos bicos esfomeados.

Como é difícil ser,  
tão limitado na forma e forno da compreensão!

Ainda bem que estou indo para a cama  
desengraxar as nódoas da mente  
e me embebedar de sonhos.

Essa gigantesca pauta musical,  
feita do silêncio medroso desses arquitetos,  
vira um *Bolero*, que Ravel jamais conseguiu compor.

## **Zelar pelos poemas**

Não cuido dos poemas  
como quem gasta



uma tarde inteira de sábado  
lustrando carro e ideologia  
para a garota esmaltada da noite.

Já tentei cuidar dos poemas  
como quem recebe  
recomendações dos antepassados,  
sobre as baixelas das cristaleiras,  
mas não tive nobreza para tanto.

Cuido dos poemas  
como quem afina a voz  
- para uma ária de Bach -  
ou as cordas de um violão  
- para o dedilhar de Francisco Tárrega.

Cuido dos poemas  
como quem banha,  
nas águas de uma cuia,  
os frutos frescos das palavras  
recém-colhidos dos arbustos  
- mesmo quando minhas mãos voltam vazias.

Não cuido dos poemas  
como o olhar de um lince na espreita,  
ou um cão de guarda,  
em seu ranger de dentes, vigia um patrimônio.  
Tampouco como um burocrata diplomado,  
letrado ou iletrado,  
enverniza a palavra, num mero apuro ritmétrico  
sob o peso dos carimbos dos poderes.

Já tentei cuidar dos poemas  
como quem perfuma a roupa  
e escova os sapatos  
para ganhar o mundo  
numa noite de glória.

Sem nenhum convite para festas  
acabei perambulando

pelo mapa vazio das ruas  
sem destino certo  
e nenhuma mulher bêbada de paixão nos braços,  
com tanto frescor das noites.

Sem nenhum fim revolucionário,  
cuido dos poemas  
apenas com quem tão somente zela  
pelo brilho de estrelas, fugidias ou cadentes,  
ou escondidas sob nuvens, no céu opaco da vida.  
A aventura da vida é nada,  
- pura miragem?

O colorido,  
que meus olhos até merecem,  
mora no cuidar do sentido, sem sentido,  
da própria miragem.

## **Poema travado**

O abismo do céu,  
nesse início de noite,  
assustadora e bela,  
já floresceu a sementeira de estrelas.  
E algumas despencaram,  
embaçadas,  
no espelho d'água do lago.

O silêncio cala qualquer grito de minha garganta,  
como uma mordança,  
e me impossibilita pedir socorro.  
como um viajante em pane no deserto.  
Se eu sofresse um infarto  
- ou morresse de amor –  
os grilos falantes,  
tão próximos e tão distantes,  
nem dariam pela minha falta,

ocupados que estão em suas festas  
- nas páginas de Literatura Infantil.

Livros, ferramentas, talheres e alma,  
tudo em desordem.

A cama, desarrumada, está vazia  
e ainda continuo fazendo amor  
com a mulher ausente.

Permaneço sem ação,  
preso a esse chão,  
como o peso de um piano, mudo,  
numa sala de espetáculos, vazia.  
E todos os deuses rindo, em seus tronos gloriosos!

Meus pés andam perdidos,  
e os arrasto rumo ao fogão de lenha.  
Esquentar um chá de ervas  
e lubrificar a boca seca  
- elixir para a solidão, ou refrigério.

Pudera eu,  
destravar todos os cadeados da noite,  
baús de memória e esconderijos,  
para encontrar a bala perdida  
do poema.

E até a última gota,  
sangrar todo o mistério  
das coisas que me incomodam,  
só quando compreendo  
por que não me alucinam.

## Profetas da cura

*(Para o teólogo Leonardo Boff)*

Apóstolos, benzedoras, curandeiros...  
me instigam a escrever um dos mais completos poemas  
eco-teológico-político...  
e eu o começo pelo vício da pergunta:

Que mãos são essas,  
tão frágeis e tão potentes?

Ímãs da energia do universo,  
estas, sim, eco-poemas  
erguendo a espada da paz,  
gerando átomos divisíveis e quânticos,  
sob dúvidas,  
despejando rezas sobre rezas  
e certezas;  
partículas do Bem Divino:  
afro, cristão, pajé, johrei...  
Procura da cura!

Quero todas essas mãos sobre minha cabeça  
para tornar leve esse meu ser.  
Quero vê-lo multipartido  
em fractais de um caleidoscópio  
de margaridas, corais, borboletas e estrelas,  
até virar poeira cósmica de suas origens mais remotas.

Que venha toda Luz Divina dessas mãos humanas,  
trêmulas e seguras.

Mãos que recosturam o tecido roto da Humanidade,  
trazem de volta a ternura de Guevara  
e depositam suas armas de guerrilha  
na força invencível do diálogo duro.

Com essas mãos estendidas,  
sábias e leves,  
quem sabe eu também me transforme  
num poema incompleto da criação?

Mas quero, com elas,  
o socialismo utópico  
que há em toda forma de fome  
ou no orvalho da manhã  
- e que Lênin e Trotsky  
não tiveram tempo para contemplar.

Aí, revolucionário curado e em fim de jornada,  
tomarei um chá perfumado de alfavaca na varanda  
e declamarei meus versos inúteis para todos os pássaros.

Quem sabe eles possam retornar aos meus pesados ombros,  
a imagem de São Francisco,  
como fazem os artesãos nordestinos  
no aprendizado de paraíso de suas oficinas?

## **Com palavras não se brinca**

Chuva.  
Vento.  
Granizo.  
Neve.  
Névoa.  
Gelo.  
Montanha.  
*Iceberg.*  
Frio. Frio. Frio.  
Caçador.  
Foca.  
Foco.  
Enfoque.  
Ecologia.

Sangue.  
Exangue.  
Não se brinca derramando palavras  
em papel em branco  
feito tinta em paleta limpa, recém-comprada.  
A poesia nada tem de concreto  
O mundo em volta é uma clara de ovo.  
Branco, branco, branco,  
- que não é ausência de cor.  
Cor – que é branco imperativo  
- ou sou eu que não consigo  
colorir meu coração?

**poema não**  
**[concretoarmadobemamarrado]**

Não pise na gramática não brinque com as palavras não faça guerra no amor não leia a Bíblia não corte as vírgulas não escreva poemas sem amor não aspire entrar para a Academia não pare na pista não ame o próximo como a si mesmo não mande flores não goze dentro não desça engrenado não estude literatura não se entregue à polícia não faça poemas ideogramáticos não malhe na academia não perca a esperança não chupe jabuticabas não entre para a carreira policial não declame o *Navio negreiro* não escute o silêncio das estrelas não dê esmolas não escreva poema algum não cuspa no prato que comeu não vote em branco não creia em Deus não acredite em Papai Noel não confie em sua memória não entregue o ouro ao bandido não creia nas palavras não seja *cover* de ninguém não vá sozinho não fique afeminado não viva do passado de 1968 não se envolva com essa mulher não seja revolucionário não vá a New York não se apaixone mais não esconda seus crimes numa mala não jogue suas fichas todas no desejo não fume não dê bola pra razão não seja sócio dos alcoólicos anônimos não ouça Frank Sinatra não pule do 20º andar não assista aos filmes de Akira Kurosawa não pose de jurado nos camarotes de carnaval não estude na Sorbonne não pare...  
...pisar na grama acaricia a planta dos pés!

## **livro II**

# **Carretéis e retalhos**

Que vai ser quando crescer?  
(...)

Não vou ser. Não quero ser.  
Vou crescer assim mesmo. Sem ser. Esquecer.  
(Carlos Drummond de Andrade. "Menino antigo")





## Infância

### I

Dorso azul de montanha recortada  
cabendo inteira dentro dos olhos.  
No fundo do quintal,  
uma árvore para eu buscar  
os tamarindos nos galhos mais altos  
e pés descalços, presos ao chão:  
limites do roteiro de minha leitura do mundo.

Meu pai vinha,  
folgava noite com prosa,  
e sumia na cabina de um velho *Ford F 600*.

Minha mãe costurava chitas, brins, sedas  
e desentendimentos,  
e punha ordem no mundo.

Eu, olhos cravados no horizonte,  
sem lápis nem papel,  
sem alfabeto,  
sem saber,  
escrevia os primeiros poemas  
com carretéis e retalhos.

### II

Nos retornos das viagens,  
as jornadas de trabalho de meu pai,  
passadas a limpo diante de olhos  
que nunca piscavam de tanto prazer.  
Ao redor do fogão a lenha,  
nossos sonhos visitavam, com ele,  
a *Ilha Misteriosa* de Júlio Verne  
ou da *Utopia*, de Thomas Morus.

Absorta na conversa interminável  
com os filósofos gregos,  
minha mãe mexia e remexia afazeres  
fingindo não prestar atenção na prole  
e no caminhoneiro falador.

Só quando a prosa, amiúde,  
beirava o abismo dos sentidos,  
ela voltava da sala dos *Diálogos* de Platão  
e se punha a nos dar lições  
sobre os caminhos do Bem e da Virtude.

E eu, menino,  
mãos nos bolsos vazios,  
guardava bolinhas de gude e recomendações  
como quem negocia a felicidade com o destino.

A Quinta-feira Santa  
teria a missa do lava-pés,  
e para estar preparado,  
cumpria comprar botinas novas.

Eu não sabia,  
- pudera, quem diria? –  
que os objetos dos sonhos  
eram ferramentas  
para pisotear  
a terra batida da vida  
e tecer os dias vindouros.



Meninos com pipas ao vento  
reabrem as asas  
de minha infância adormecida  
numa memória preguiçosa,  
e trazem colorido ao meu poema árido,  
riscado no areal das palavras.

No terreno baldio,  
oficina da infância,  
negociam-se linhas, papéis e cola,  
enquanto o trem, a distância,  
apita sua passagem morosa,  
feito um quadro de Volpi  
Tarsila ou Portinari.

O tempo da vida  
anda mais rápido que o das imagens?

Nesse quarto de estudos,  
estico os olhos no horizonte limitado,  
e saio, passo a pássaro, pelas janelas  
a convite da alma.

E meu coração,  
pulsando sua incompreensão,  
precisou seguir a teimosia dessas minhas pernas,  
que preferiram correr atrás do comboio  
e tomar lugar nos vagões,  
repletos de viajantes sisudos.

#### **IV**

Nas estações das chuvas  
as árvores surreais de infância  
viravam pesadelo,  
temporário, mas repentino  
- sem aviso prévio do destino.

Lagartos asquerosos  
desfilavam suas baterias,  
como um exército  
que acaba de tomar uma cidade.

Imponentes,  
subiam e desciam troncos,

com espinhos e listras coloridas no dorso  
e milhares de pés gordos e barrigas gosmentas,  
feito tanques de guerra.

Folhas densas, verdes e vistosas,  
que nos garantiam o frescor das sombras,  
iam sendo devoradas com apetite de piranhas.

À noite vinham devorar meu cérebro  
e me acordavam como se estivessem escalando os pés da cama.

Lições de moral de compêndios  
diziam que devemos suportar os lagartos  
para apreciar as borboletas.

É certo que a vida é feita de crisálidas,  
metamorfozes e ressurreições.

Mas não é menos certo  
que continuo relutando  
em me sentar no divã do analista.

## **Poema desertizado**

A lanterna dos olhos e a epiderme  
bastam como vitrine do poema,  
ou só o estado de alma é o húmus  
para vingar a semente boa da palavra?

Se ao poeta cumpre  
perseguir a essencial beleza,  
das coisas miúdas, ou de toda natureza,  
como posso receber a visita de um lagarto asqueroso,  
regurgitar uma sartreana náusea,  
deixar minha mente ilesa?

Tento reparar

em seu andar cartesiano,  
o idêntico erotismo das manhãs de sol,  
dos bonecos imaginários de nuvens lentas  
ou do milharal com seus loiros cabelos.

A bosta do gado, que fertiliza o pasto,  
não me ofende como uma taturana,  
com o ácido mortífero de seus pelos.

Ouçõ dizer  
- ou leio e vejo na *net-mídia* -  
que outros povos  
degustam animais peçonhentos.

Em qual planeta resido?  
- brota a pergunta resistente.

Nenhuma obra de Antropologia,  
para entender toda essa gente,  
me abre porta alguma  
para o concerto verbal da poesia.

Lagartos não me convencem  
e eu saio do poema derrotado  
- em conflito e deserotizado! -  
só me restando baixar um decreto:

Na sala de visitas da alma de minha infância  
lagartos não têm mais licença para entrar.

## **Planeta de anjos**

*(Para Ana Rita, neste parque de diversões  
- e o restante de netos, em parques distantes).*

No parque de diversões  
me esbarro em olhares da infância,

alinhados ao gancho do horizonte.

Parecem a fala de pedintes,  
sem palavras, e gritante.

A infância  
é o diálogo inicial com a finitude.

## **A dor de ser, desde cedo**

A educação para a felicidade  
abre, na pele lisa do menino,  
uma cirurgia sem anestésico;  
e pede que ele caminhe  
de mãos dadas com os adultos,  
que não o querem criança.

O barro do mundo  
vira seu emplasto,  
mas a dor de ser, desde cedo,  
se alimenta é do tempo vivido,  
não das frutas que a estrada oferece.

Os animais são alegres  
porque não têm lágrimas  
para negociar com o destino.

A infância é uma felicidade  
em cicatriz.

## Teia

### I

Desde minha tenra idade  
- eu, ainda apalpando, às cegas, as paredes nuas da vida –  
a aranha, engenheira,  
tateia o teto.

Os arames nervosos de suas pernas sábias  
exercitam uma dança silenciosa, mortal,  
sobre um tablado invisível, cerebral,  
numa matemática sem fórmulas prescritas,  
croquis ou pranchetas.

Gerando fios em abundância,  
a gosma de seu corpo em luz,  
desenha um poema concreto:  
vômito de um útero farto  
sem palavras,  
pura plástica.

Crianças, de mãos ainda frágeis,  
precisam manter distância da peçonha,  
e apenas guardar, em seus olhos, a aranha,  
sem precisar da poesia oficial  
das Escolas de Letras, Ciências e Artes.

Pena que hoje,  
quando reencontro no canteiro de obras do teto  
a sempre e mesma aranha,  
Jorge Luis Borges,  
com a grandeza metafísica de sua cegueira,  
não está aqui, para contemplar comigo,  
esses primeiros dias da criação do mundo.

## II

As teias neurais de meu cérebro  
imitam a máquina de costura *Long Life*  
da laboriosa oração prática de minha mãe,  
noutra paragem que se perdeu a distância.  
É eu tentando remendar o pano usado da memória,  
onde a razão entrou em briga sem trégua com a felicidade.

O máximo que extraio do bordado dos anos  
é a consciência de que a vida é provisória  
- e nenhum gênio da Humanidade me consola.

### **Vereda obscura**

Faça-me o favor de arredar as dúvidas para debaixo dos tapetes  
e não me pergunte por que escrevo poemas.

O menino que adormeceu na máquina de meu corpo  
não consigo acordá-lo adulto  
- como propôs o poeta das Gerais.

Silenciado sob o cobertor do tempo,  
a ele evoco,  
diante do espelho embaçado  
da barrenta poça dos questionamentos.

Ele me sabe  
e me ensina,  
e me desaparece,  
no vértice da memória  
- mas não pretendo blasfemar  
contra a ineficácia das palavras.

Nada há de mais frágil  
que a ideia de paraíso original.  
*Ab que saudades tenbo,*



*da aurora de minha vida!*

O tempo pretérito,  
distante e tão visível,  
torna-se sua melhor medida.

Enquanto isso,  
os homens ao meu redor  
escancaram risos,  
e parece que aplicaram um enganoso emplasto  
nas cicatrizes de suas dores mais secretas.

A vida que vale  
reduz-se a uma perda de virgindade  
como negociação com o destino?

Em qual gaveta de escritório  
colocamos as manhãs ensolaradas da alma infantil?

Não há mais luz na janela.

E na vereda obscura,  
das noites de ventania,  
minha alma teima em não envelhecer  
- para não ter de seguir  
os caminhos inarredáveis de meu corpo.

Resta-me escrever poemas,  
e poder saudá-la, a distância,  
num perene aceno de adeus.

## **Sala de visitas**

Na sala de visitas de minha alma  
meus antepassados não estão mortos  
e nem discutem dogmas religiosos.

Não há incensos, nem velas,

mas o odor adocicado da dama da noite  
que a brisa traz pela janela.

Não há pratarias nem porcelanas importadas na cristaleira,  
mas algumas chávenas com bordas danificadas,  
compradas num box do velho mercado municipal,  
e marcadas pelo perfume do chá de erva cidreira  
ou pela morosidade de lábios em prosa perene.

Na sala de visitas de minha alma  
não há cão adestrado na porta de entrada, com ranger de dentes;  
apenas um gato, de corpo em plumas, dorme sua preguiça,  
sob a sucata de um relógio de mesa já sem ponteiros.

Não há manchetes sobre epidemias e culpas,  
dejetos de *Thanatos* sobre a casca do corpo;  
mas a ardência do sexo,  
flambado em fogo voraz  
e negociado nos olhares.

Na sala de visitas de minha alma  
não faltam a fé no destino da Humanidade  
e nem a tigela de figo em calda e queijo fresco  
- que a parte feliz da Humanidade não pode desconhecer.

Da cozinha vem o cheiro,  
mineiro,  
de comida,  
e só porque aumento a água no feijão,  
a visita se sente acolhida.

Uma sala atualizada nas linguagens servis não pode ser minha sala.  
Síncrona e assíncrona, telenergética, telemática, telepática: teletudo!  
Verborrágica, sem o desperdício de gargalhadas fúteis,  
- com o capital da serenidade nos semblantes -  
é uma sala burocrática, alugada pela alegria comedida,  
dissimulando um rosário de pecados mortais cometidos  
pelo trabalho envernizado.

Na sala de visitas de minha alma, não!

Nada necessita reparos.  
Nem mesmo as nódoas do tempo sobre as paredes,  
o descuido do pó na madeira rústica ou na caixinha de música,  
ou a timidez de um menino.

Por que, então,  
- virado homem de juízo, da noite para o dia -  
a sala de visitas de minha alma  
anda tão inóspita,  
anda tão vazia?

### **Farelo de pão sobre a mesa (Sobra de poema anterior)**

Descobri,  
quem sabe, tardiamente,  
já no toque dos interruptores,  
a penumbra abraçando paredes e corredores,  
que, na sala de visitas de minha alma,  
a anfitriã dos visitantes  
sempre se mostrou ausente.

### **Terraplenagem da memória**

Na boca da noite preguiçosa  
a lua executava sua música,  
no banho de luz e silêncio sobre a mata  
e nutria a espiritualidade  
de índios e pássaros.

No *outdoor*,  
um empreendimento imobiliário  
anunciou a chegada de máquinas  
para esmagar minhas goiabeiras

e plantar prédios sobre o pântano.

O futuro anti-pretérito chegou,  
imponente e irreversível,  
embrulhado no papel-alumínio,  
dolarizado,  
do pacote do progresso.

Um dia aqui voltarei,  
entre os ruídos de motores,  
na companhia de meus fantasmas  
como numa data de finados.

Virei buscar a luz artificial  
de prédios e postes.  
E levarei,  
nas conchas de meus dedos descarnados,  
o que restar da Humanidade rasgada,  
solitária e encastelada,  
dessa lua companheira.

Da travessia sobre a infância  
notarei que todas as noites se assemelham,  
sem lagoas de banhos proibidos, sem magia.

De uma lua que não pude levar no bolso,  
resta uma luminosidade opaca  
nos ossos de sua face.

Do bolo partido da infância  
resta o prato vazio...  
da melancolia.

## **Poemão sobre a perda**

Esses olhos cegos,  
de minha impaciência,

não apreciam mais  
os pastos de abelhas felizes,  
no florir das árvores do quintal.

E me impedem de ver explodindo  
os ovários das sementes,  
prometendo os frutos da estação.

Trajado com jaqueta  
e tênis pós-modernizados,  
corro ao reluzente supermercado  
com a boca seca de um pedinte no deserto.

Os sucos, enfileirados,  
desfilam a abundância do fetiche  
para eu namorar os rótulos.

O que fazem hoje, minhas mãos,  
com aquelas mãos de terra,  
minhoca e água fresca?

## **Poema perdido**

Vou fazer o que não sei.  
Versos que a vida me roubou  
- um poema infantil:

Vaca amarela  
pulou a janela,  
cagou na tigela.  
Quem ler isto primeiro,  
come a bosta dela!

## **Ciranda de netos**

*(Para o Bento,  
que fez uma passagem breve  
na malha do destino).*

Cá estou,  
na Praia do Futuro.

Sob o rumor benfazejo do vento,  
que beija o horizonte e a vidraça,  
e promete estourar a barriga do dia,  
a madrugada avermelha meus olhos,  
perdidos no quadrante do tempo.

Minha alma transborda uma felicidade  
maior que essa bacia oceânica,  
e o oráculo do silêncio  
traduz a espera em aflição.

Outro neto chegará,  
daqui a pouco.

Virá negociar as bolinhas de gude da infância  
junto à ciranda dos companheirinhos:  
Lorena, Manuela, Olavo, Samuel, Ana Rita, João e Maria.

E o orgulho do avô  
extrapola nomes e sobrenomes  
ou brasões de famílias.

Venha, Benício,  
abrir as trancas de um mundo caduco,  
tão carente de recomeço.

E depositar,  
desde sempre,  
nos ombros dos homens cansados,  
o soldo de nossa alegria.

Junte-se a esse quixotesco cavaleiro,  
em seu deserto de sentido,  
sua infância  
de espada e poesia.

(Fortaleza, 21 de junho de 2018).

## **Quintal arcano**

Bananeiras abanam a tarde quente  
com o verde-bandeira das folhas.  
Frutos granados, amarelos,  
no pano do céu azul,  
salpicado de mechas brancas  
completam o nacionalismo de meu quintal  
- feito a cabeça de Carmen Miranda.

Com o equilíbrio de um sábio  
em seu assobio poético,  
pseudo-meteorológico,  
o vento brinca com as folhas  
e zomba da quântica física  
das asas dos insetos.

Meu vizinho sugere  
que eu vire comerciante das sobras  
para o apetite voraz do mercado.

Ocupado em varrer da cabeça  
as manchetes de Bolsas de Valores  
eu, velho menino de cabelos brancos,  
miro as rolinhas em seus ninhos, sobre os cachos;  
e filhotes proseiam a grandeza da felicidade  
sob o miúdo território de asas protetoras.

Excluído dos mapas de planejamento,  
apenas bebo essa cerveja,  
elixir para uma lucidez tamanha,

que até me embaralha a vista.

O que restou do quintal de minha infância foi levado comigo,  
em delírios falsos, - de tão verdadeiros -  
no comboio de um trem fantasma.

## **Vidinha**

No terreiro lá de casa,  
não havia asas de águia ou condor,  
com seus voos especulativos sobre as presas.  
E a infância nunca foi uma aposta para dominar o mundo,  
tão belo e indominável.

Apenas galinhas,  
presas ao chão raso de suas vidas sem brilho,  
ciscavam o grão rasteiro de suas verdades,  
onde o nascer ou o morrer  
mais pareciam mudanças de estação.

E era tão fácil entender a vida  
só com os olhos do coração!

Sorte é que jamais envenenei meus olhos  
com a biografia de Adolf Hitler.

## **(Mais um) poema de Natal**

O Natal,  
que um dia rimou com infância,  
hoje des-rima com *Shopping Center*  
e cintila nas vitrines  
e nos olhos sem inocência dos gigantes.

Aquele menino de sempre,



exposto na manjedoura,  
perdeu a força para expulsar os vendilhões do templo.

Nós,  
cristãos com braços presos  
- no madeiro do mercado –  
expomos grifes e *jeans*  
e corpos arredondados na sedução do *fitness*.

Cristo,  
do alto da cruz e vendido,  
os lábios ainda amargados pelo fel,  
nos espia,  
vencido.

Nunca-jamais o Natal fora tão exposto  
aos quatro ventos da instrumental razão,  
para dar pleno sentido oposto  
à *via-crucis* da paixão.

## **Céu** **(Não custa pedir ao destino)**

Quando partir  
não quero permanecer  
para todo o tempo restante  
à direita de Deus-Pai-Todo-Poderoso,  
afagado pelos olhares sonolentos  
de anjos cor de louça e obsoletos  
- parecidos com pinguins sobre antigas geladeiras.

Num museu celestial tão perfeito  
sequer quero ser o Super-Homem,  
que voa sobre flocos de nuvens  
cumprindo a pressa inútil  
de uma eternidade sem tempo.

Se lá eu não esperar  
pelas mangas da estação,  
e das sombras que essas mangueiras  
me afagam no meu chão  
- com meu carrinho de carretel –  
por favor, padres e rezadeiras,  
podem me livrar desse céu.

## **Outro pedido ao destino**

Se morrer for um modo  
de tão somente cumprir a vigília dos dias,  
nem quero paraíso algum  
que não possa ser inventado pelos sonhos.  
- Desde que meus olhos permaneçam abertos  
na ilusão dos horizontes.

Como um condor  
estarei sobrevoando cordilheiras  
sobre as areias dos ventos,  
zelando pelo destino de Gaia, em perigo  
- ou então eu nem sequer terei partido.

Como um velho sábio,  
serei apenas um menino  
num vilarejo entrecortado por um rio,  
sem ensinamento de alforje  
trazido da escola.

Como um matuto engraçado,  
- meio bicho, meio homem! -  
que dialoga mudo com corujas e seriemas,  
se espanta com o lobisomem,  
e lambe os horizontes das tardes  
com seus olhos miúdos.

Quero findar meus dias como um velho menino  
que traçou o mapa do amanhecer  
sem as letras do alfabeto  
- de seu destino.



## **livro III**

# **Estações do corpo**

*Um café e um amor... Quentes por favor!  
Pra ter calma nos dias frios.  
Pra dar colo  
Quando as coisas estiverem por um fio*

*(Caio Fernando Abreu. "O segredo")*



## Rito inicial

Que tens nestas mãos, poeta,  
tão plenas e tão vazias?

Grãos de palavras  
que espalho, como um lavrador agraciado,  
na terra úmida e perfumada de teu corpo.

Como um arado silencioso sobre as cicatrizes da terra -  
acarício, com estas mãos,  
a pluma ou o espinho que a vida nos oferece.

Mal o sol se levanta,  
a batalha de verdade e erro  
deste meu ser exposto em meus próprios limites  
gera o saber  
sob canções e murmúrios,  
mentirosos e sublimes,  
estornando o caldo abafado  
do suor das horas.

Mal o sol se deita,  
teu corpo é que trabalha minhas mãos,  
empurradas pelo ponteiro das horas perdidas.  
E as reinventam para além do tempo necessário  
- e gerando ainda mais saber  
desde este teu ser cada vez mais abstrato.  
Sementeira em colheita farta,  
só teu corpo é que me dá conta  
da morte em gozo  
para eu ser reinventado como delirante sobra.

Pudera estas mãos trêmulas,  
tão plenas e tão vazias  
e que passeiam meu medo de vir a ser pleno pelo teu corpo  
colher todos os frutos  
da árvore frondosa de teu poder.

## **Estações do corpo**

A montanha, ao fundo,  
redesenha meus olhos.  
O rio é largo  
e requer braçadas,  
fôlego de eu-menino.

Mas o meu corpo  
atingiu o estágio de recusa da aventura,  
e só consegue ranger os ossos  
- e eu que nem tive chances  
para me tornar um sábio oriental!

Não são as leis da Biofísica que cumpre recordar.  
É uma antiga lição de gramática:  
pretérito-mais-que-perfeito,  
imperativo do tempo que corre sem piedade  
do futuro incerto.

## **Nas águas do tempo**

A mulher mais amada  
pede um poema,  
chora por ele  
no riacho das lágrimas.

É o fio cristalino delas  
desmancha-se, ainda mais,  
em meandros de sedução.

O núcleo do sentido oculto,  
metafísica do amor,  
desaparece nos redemoinhos.  
O cotidiano devora as essências,  
sob aparências,



para as replantá-las nas profundezas,  
visivelmente próximas,  
dos vasos de nossos olhos aflitos.

A mulher mais amada, contudo,  
afoga-se no menor movimento das cascatas.  
Em cada pedra, entre ramagens,  
parece haver sereias e cantos: inquietações.

O ciúme é a lucidez avessa do amor vivido.

A mulher mais amada,  
insaciada, porque ama,  
ama e mais nada.

Insiste em invocar os demônios,  
enquanto o caldo do amor,  
sob a forma de poema,  
corre nas águas do tempo  
- e ela não pode ver.

O que fazer?  
Não há culpados no amor.

Os demônios em festa, de dentro dos mitos,  
navegam sobre as águas.

E ela tem sede da palavra amorosa,  
quanto menor é o poeta.

## **Poema só para hoje**

Ontem eu era árido;  
amanhã não deverei mais ser mórbido  
já que hoje ela me torna lírico,  
mesmo que eu nunca mais esteja lúcido!

Qual Ulisses,  
embriagado,  
vê surgir do mergulho das águas  
a sereia,  
no cantar das horas vou manejando  
- mãos trêmulas, ainda incrédulo -,  
o gume das palavras,  
como quem troca punhaladas  
com os fantasmas invisíveis do destino.

Mas ela me atrai  
na serenidade de seus olhos enxaguados  
de mergulhos passados.

Então sigo os descaminhos da paixão,  
num hoje perenizado,  
como quem decreta o fim  
de seu próprio esquecimento,  
escrevendo, nas águas correntes do tempo  
este refrão:

Bendita a mulher amada,  
mensageira – ainda que ligeira –  
que me veio mostrar,  
tão adverbialmente simples,  
que meu cantar pode fazer sentido.

## **A casa do corpo**

Na cama sem limites  
de minha juventude eterna  
minha alma canta, aos cântaros,  
versos, reversos, oceânicos.

Mas a vida não é um jogo de dados  
- ou um verso de Mallarmé.

Perdida a profundidade de fundos refletidos,  
as salas de espelhos d'água de Narciso  
refletem a névoa embaraçada da alma  
vindo pousar posteriormente na catarata dos olhos.

O cálcio da ossatura das palavras,  
que sustenta a poesia,  
finda como estoque de dispensa.

A boca não pronuncia mais poemas,  
quando a própria vida  
- bem ou mal vivida -  
os atira numa vala da memória,  
que incomoda feito uma artrite nas juntas.

A casca do corpo  
é o embrulho do tempo.

## **Varal de palavras**

Hoje estou devorando a noite  
como um urso recém saído da hibernação.  
Com minha boca, úmida de cerveja,  
estou pronto para o gozo da alegria,  
que confunde verdades e mentiras  
e as pendura num varal de versos inauditos,  
que nem eu mesmo sei de onde vieram.  
E meu estoque de palavras, esperança e amor  
fica maior que a Enciclopédia de Diderot  
ou uma *wikipedia* virtual.

Diante de uma plateia atônita,  
estou no centro de um mundo,  
que nenhuma Geografia Quântica descreveu.  
Os baldes de poemas que meu coração derrama,  
na volta da noite ela irá reescrevê-los, com o batom, no espelho:  
reverência a Eros, na clausura de um hoje cintilante,

como espetáculo,  
empurrado pela fome de ser.

Para proclamar o prazer  
- a despeito da dor  
de me fazer ou me desfazer –  
minha alma me diz:  
“De tanto ser  
e de me exaurir, para todos os efeitos  
estou feliz!”

Do calabouço da garganta  
é que poemas abundantes se reduzem a ecos,  
E paixões remanescentes expõem minhas próprias sobras  
e transformam o jogo da vida em verdade.

Restam versos como este:  
Varal sem roupas para o próximo inverno.

## **Mãos**

Essas minhas mãos  
são uma carne exposta ao sol escaldante,  
no varal do tempo.

Um dia já socaram o ar, em êxtase,  
na chegada dos filhos.

Um dia já colheram as melhores jabuticabas,  
tão doces quanto o egoísmo infantil.

Um dia já pensaram estar fazendo o mais pleno amor,  
só por ser apenas epidérmico.

Um dia já se prepararam para o crime,  
e deles restaram apenas medos, alívios e poemas.

Um dia já suspenderam crianças nos ombros,  
como quem finge compreender a felicidade de um parque infantil  
já desmontado pela idade da razão.

Um dia já se postaram, aflitas, em oração,  
para todos os deuses ausentes.

Um dia já manusearam moedas  
como quem negocia sonhos, na bacia das almas.

Um dia já plantaram todas as árvores,  
hoje abatidas nas madeiras.

Um dia já acenaram, em adeus,  
sem poder acreditar no que faziam.

Um dia já construíram catedrais góticas imaginárias,  
e nenhum quadro que conseguisse imitar Picasso ou Portinari.

Não venho dizer que essas mãos,  
benditas ou amaldiçoadas,  
tenham alguma beleza ou feiura.

Na pele e osso de sua condição,  
elas falam por si,  
como instrumentos de um velho alfaiate,  
escravizado pelos donos dos uniformes de gala,  
no manuseio dos tecidos.

A linha e agulha desse desenho imperfeito,  
que é a vida,  
é que teimam em lhe escapar pelos dedos.

## A flecha que atravessou o coração da tarde

A angústia diante da morte é angústia ‘diante’ do poder-ser mais próprio, incondicionado e insuperável.  
(Martin Heidegger. “Ser e tempo”)

O balde cheio do *FaceBook* derrama a notícia:  
*Morreu aquele pedinte de nossa porta.*

Fulano, ciclano, beltrano...  
De um cão farejador, que nome importa?

Roupas, cobertores, chinelos,  
copos d’água, nacos de pão  
ou qualquer sobra de qualquer coisa,  
a qualquer hora, de qualquer jeito..  
- dito e feito e o Deus-te-pague-em-dobro.

Ser enterrado,  
por destinado,  
na vala do esquecimento,  
cumpre resgatar o nome legítimo.  
- Nem que seja um nome meteórico  
só para constar nos autos.

Ah, sim!  
É Fulano de tal,  
que dizia cuidar das ruas e da praça contra os ladrões  
e puxava conversas, amiúde,  
só para vomitar a bília de uma solidão de andarilho,  
que lhe embaçava os olhos, ao procurar um teto  
no telhado aberto das noites.

Parou de vez,  
de pedir  
e receber o troco viciado  
da contra moeda da palavra

ou escutar o contra discurso sem efeito moral:

*Dinheiro pra cachaça e droga!*

O velório exala o fedor bizarro da morte,  
ornada com quatro castiçais  
e uma coroa de flores,  
doada pelo *establishment* do poder público,  
sem homenagem de parente algum.  
Apenas alguns irmãos, de uma confraria de mendigos,  
vieram para o adeus a esse pássaro a mais,  
maltratado pelas navalhas dos ventos das madrugada.

Uma vida feita das sobras  
e acumulada nas contingências do abandono  
não mais precisará dessas mãos, cruzadas sobre o peito,  
para recolher, por costume, o dejetos da esmola,  
como despejo humanitário da moral.

E o corpo,  
inerte como uma pedra viva, aos avessos,  
vai traduzindo o barulho ensurdecido da ausência do choro,  
filtrado por um velório ainda mais impiedoso,  
pelas fatias desconexas da memória.

Troco algumas palavras obsequiosas,  
só para recauchutar as paredes de meu próprio abismo.  
E as poucas caras pareciam um quadro de natureza morta,  
silenciando a complacência nos olhos  
e vomitando conformidade nas bocas  
- o pior dos deuses é o “Deus-assim-o-quis”.

Não há tantas lágrimas nos olhos  
- talvez nenhuma.  
Tudo parecido a uma tábua rasa da Economia  
- de sentimentos e sonhos -  
destilando essas poucas horas de obrigação,  
que demoram milênios.

É pior morrer ou não ter a quem chorar?

A pergunta que dirigi a esse meu coração apertado,  
a passagem deste pedinte não me garante responder.

O que há de assustador na morte  
é que ela não dá bola  
para a dignidade humana.

A flecha que matou Rodrigo,  
atravessou também o coração desta tarde ensolarada.

Bela, mansa e imorredoura!

**Eu,**

**I**

**(Eu. Desnorteado)**

Quando Deus disse a Moisés  
(na sarça ardente de um deserto):  
*Eu sou Aquele que sou,*  
foi o primeiro filósofo kantiano,  
então revelado.

Como não imaginava que Deus  
fosse apenas pura inteligência,  
estou indignado!

Pudera Deus vir a mim de outras formas.  
Eu descalçaria as sandálias  
para levar em frente um poema,  
mínimo que fosse  
- no lugar das Tábuas da Lei.



## II

### (Eu. sem bússola)

Drummond, José, Raimundo,  
o que acontece com o mundo?  
Os paradigmas sólidos se tornaram líquidos;  
a MPB perdeu o M;  
o teatro ficou sem texto;  
e os artistas sem o motor da angústia.

Crianças amanhecem precoces para uma vida sobreposta.  
Até os arco-íris,  
minhas últimas reservas coloridas de delírio cósmico,  
desceram dos céus de chuva e sol  
e migraram para as vitrines de lojas ou monitores.

Pudera ao menos ter nas mãos um copo vazio,  
para cuspir babas de palavras sem nexos,  
daquelas de bocas de poetas  
bêbados de tanta lucidez  
e de almas estragadas nos espelhos dos olhos cansados.

Enquanto profetas de um tempo morto  
flertam com o silêncio, no vozerio imposto,  
me vejo aqui, nessa mesa de bar  
sem corda de esperança para me agarrar.  
E me livrar do enorme abismo desse chão,  
sem conseguir puxar o cobertor  
e armar a cama  
para o sono do berço esplêndido.

Eu, deslocado,  
desolado,  
desconectado,  
empurrado para o canto dos salões  
das oficialidades miméticas – ou mascaradas –  
vou regando as veias  
com o veneno dessa apátrida solidão.  
Mas o país – nada abstrato – nem me dá bola,

a não ser que eu também promova espetáculos:  
um tiro no peito,  
uma batida policial  
e o enquadramento, numa foto, ora virtual,  
para uma posteridade fugidia.

Tudo bem!  
Daqui a pouco vou ao toalete  
urinar tudo o que me resta - por dentro -  
num tempo de metamorfoses estéticas – por fora.

O que farei, por ora?

Mascarar o estoque de humanidade que me resta  
empurrando as utopias arcaicas (ou arcanas)  
para debaixo dos tapetes da memória?  
Ou entrar nos radares dos que me vigiam e me seduzem,  
para viver em outros novos/velhos tempos  
de fascínio, poder e glória?

### III

#### **(Eu, todo retorcido)**

A razão estraga o poema,  
como o fungo na fruta  
o ácaro no tapete  
o mofo na parede...

Meu vício maior  
é pôr o cobertor da lógica  
sobre a beleza nua das coisas  
e querer que elas continuem erotizadas.

Se a poesia não consegue falar em mim,  
como nos animais, nas plantas, nos minerais...  
onde está o manual de sobrevivência?

Se me despojo do que penso, por destinado,  
a música intermitente de uma simples cascata

me provoca o afogamento de tanta grandeza,  
como uma formiga num copo d'água.

Ainda bem que poemas só servem para mostrar  
que a procura da palavra mágica, placebo da cura,  
não passa pelo entendimento.

Talvez não tenha me preparado para perceber o óbvio  
- como não foi solicitado aos bichos.  
A vida é uma floresta densa, sob um cipoal de desejos.  
E não adianta me dar a escrever ensaios,  
pura rendição dos sentidos,  
para provar que os poetas são tolos,  
como as crianças, sob o sol do futuro,  
ou os velhos, sob a névoa da memória.

Um modo teimoso e fértil de estar lúcido  
- mesmo atolado na movediça areia da lógica –  
é enxergar o lado erótico da poesia do mundo.  
Seja despida da roupagem do sentido, mas límpida, tanto quanto bela,  
seja lapidada, às pressas, para os embrulhos dourados da cultura massifi-  
cada.

Definitivamente,  
nem a razão pode dar as mãos ao poema, num grito convergente e soli-  
dário,  
nem a Humanidade está dando bola ao que não é epidérmico.

E quando eu entender  
do que a Humanidade mais precisa,  
aí já terei morrido de tédio,  
e o sabonete asséptico da razão  
não poderá mais lavar minha alma.

E eu, todo retorcido, vencido e envelhecido,  
tombarei nas portas das lojas,  
para que os urubus virtuais devorem meu coração.

Só me restará, nesse tão pouco de nada,  
continuar sonhando em ser, no limite, o que sou:

sempre o resto de mim mesmo.

Por que buscar raízes,  
se, enquanto isso,  
sob o espetáculo do abandono,  
estômagos nauseantes de carros  
vomitam uma letra freudiana e enlatada do *funk*  
ou do sertanejo universitário?

#### IV

#### **(Eu - ainda - ausente)**

*(Para o fotógrafo  
Sebastião Salgado)*

Às vezes sinto...  
que meu corpo ainda anda à procura de uma alma.

Crianças correm nas calçadas  
e ainda estou sem olhos  
- para ler a esperança em seus cabelos esvoaçados  
e reaprender com eles a tomar banhos de chuva.

Fotógrafos-profetas estampam  
a estupidez humana na cara da fome  
e ainda estou sem olhos  
- para abrir com eles o berro da indignação.

Adolescentes exibem trejeitos erótico-estéticos  
e estou sem olhos  
- para investir minhas mãos no cuidado do que é belo e frágil.

Lagartos asquerosos viram borboletas radiantes  
e ainda estou sem olhos  
- para perceber a metamorfose holística  
do universo em movimento.

A mulher amada faz juras de paixão  
e ainda estou sem olhos

- para ver seus delírios, pelo seu corpo:  
Eros, em oração

Engenheiros projetam arranha-céus suntuosos  
e ainda estou sem olhos  
- para absorver a argúcia de suas inteligências  
como arquitetura da beleza de alma do animal-homem.

A chuva de verão risca um arco-íris sobre o lago  
e ainda estou sem olhos  
- para brincar de separar suas sete cores  
como aposta infantil jamais resolvida.

Às vezes pergunto se meu problema não é sério  
- do tipo metafísico ou psicológico.  
Nada disso – penso – é apenas oftalmológico!

Mas eis que surge o receio  
de o médico descobrir,  
no fundo de minhas córneas,  
um livro de páginas em branco,  
como se os anos opacos,  
de rotina descolorida,  
fossem o falso desenho da vida.

## V

### **(Eu. Heráclito)**

*(Tudo flui como um rio.*

*Aforisma de Heráclito de Éfeso  
– também atribuído ao discípulo Crátilo.  
“Fragmentos pré-socráticos”.)*

## I

O véu dessa cachoeira,  
com sua aragem fria,  
banha a carcaça de minha alma cansada.

Sobre a eterna montanha do tempo,  
o rumor dessas águas,  
calculado em milênios  
pelo Engenheiro da criação,  
me afoga numa cartesiana dúvida:

Se penso e logo existo,  
se penso que existo,  
por que não apreendo  
a linguagem mais transparente  
desses musgos e rochas encharcados?

A saúde do ser,  
de pedras sobre pedras, sobre abismos,  
emerge de um incessante batismo,  
sem cerimônias, nem credos.

Estar disposto a nada ser é o que me bastaria  
como essas águas heracliteanas:  
ecos de uma oração perene, fora dos templos,  
e uma natureza em *moto* perpétuo.

Espumas de palavras  
fervilham uma fartura de bolhas.  
Gramática visual analógica,  
sem substância própria,  
nem verbos ou interrogações: pura água!

Sobre o guarda-chuva cerebral  
de minhas filosofices,  
a cachoeira lava o sebo metafísico  
das plantas de meus cabelos.

E sinto derramar sobre mim,  
límpido e leve,  
o volume espesso  
do poema-em-si:  
água, água, água, tudo água...  
translúcida e pura

- metáfora de sua própria linguagem  
que nada pede para ser  
- um para-si.

E eu, também contraditório,  
não sei se me desfaço  
se me desconheço,  
ou me reconheço  
- ou me recomeço.

Parte de um tempo-síntese  
puro pretérito-presente,  
sem necessitar de memória.

Qual essas corredeiras,  
eu me despeço de mim  
- e me permito ir embora.

## II

Essas águas borbulhantes  
- de hoje que não são as mesas de ontem -  
acariciam o casco duro desses pés errantes.

Aquí, parado,  
ainda sou o prenúncio do que gostaria de ser  
e essa condição teima em ser perene.

Essas águas não podem levar o que me resta.  
Então, que levem apenas o que, de mim,  
não presta.

## III

Volto à cachoeira  
como um velho pensa em voltar à infância perdida.

É ou não é a vida?

Pote inesgotável em batismo perene de luz divina  
- tanto quando me enxagua a alma e me ilumina  
é o outro tanto que te imploro:  
me lava (de novo) nessa água que me leva  
e me eleva (pra valer) nessa água que me lava.

## **O que foi feito de meu poema?**

Meu poema, coitadinho,  
brota como hera inútil  
em praças e muros verdejantes  
de bromélias e orquídeas  
- mas tão miúdo e pequenininho!

Aos transeuntes serenos  
que buscam bancos de leitura  
às sombras das árvores,  
sob pássaros, cantares e ninhos,  
o que faz esse entulho de palavras  
que só atrapalha os caminhos?

O jardineiro o pisoteia  
quando não o arranca num todo  
para a limpeza do gramado,  
com enxada, pá e ancinho!

Tadim dele!  
Desclorofilado,  
seco, mal nascido, mirrado,  
vai para o aterro urbano.

Mas meu poema a toda hora  
(manhã, tarde ou madrugada)  
traz algo de original:  
um pós-tudo, por ter sido nada!



## Passaporte

Quando a morte bater à minha porta,  
deverá vir em traje de oficial de Justiça,  
vestida numa toga,  
trazendo-me ordem de despejo,  
num processo de falência da própria vida.

Tentarei fazer as honras  
e convidá-la à sala de visitas  
ao som de uma cantata de Bach  
e ao sabor de rosquinhas e chá.

Mostrarei a ela, na biblioteca,  
textos grifados de Pessoa, Drummond, Bandeira,  
Cruz e Sousa, G. Ramos, G. Rosa, Barreto, Machado...  
como se cultivar palavras, na seara do destino,  
fosse um modo de estar preparado.

Tentarei convencê-la de que  
não me recuso à despedida  
e  
não me reduzo à despedida.

Pedirei apenas que não convide meus amigos.

A sós, minha agonia dissimularemos,  
destilada nos minutos mais extremos,  
até quando exaurir, por acabado,  
essa cristalina ilusão  
a que usamos chamar de vida.

Quero lembrar com ela, em *flashback*,  
do tanto que tentei viver e dizer, com Pessoa,  
que vale a pena pensar que a vida é boa.

Direi que brilhava as botinas surradas para ir à escola;  
abrir o caderno novo – de João Cabral - e desaprender o B-A-BÁ,

só pra entrar na fila da cantina  
e tomar sopa de fubá.

Que trabalhava de engraxate e me banhava na lagoa;  
brincava na enxurrada e pisava em cacos de vidro  
pra receber as surras corretivas do amor materno.

Se a velha senhora vier fazer meu espólio,  
tem de constar minha felicidade  
ao esperar, nas filas, as matinês de domingo  
para assistir aos filmes de Tarzan,  
no majestoso cine Capitólio.

Satisfeito,  
lembrarei que trepava em cajueiros  
goiabeiras, mangueiras e tamarineiros  
e me fartava do fruto da infância.

Ah! Não esquecerei de mencionar  
o dia em que entrei nas *Casas Pernambucanas*,  
orgulho no peito e dinheiro na algibeira,  
e negociei com um homem sisudo,  
- atrás de um bigode, gravata, avental e olhar em riste -  
um retalho de fazenda estampada,  
tirado com tesoura afiada e fita métrica de madeira,  
para colorir o coração de minha mãe,  
que andava triste.

Direi que adoleci, e,  
envergonhado, contarei que beijava a caipirinha  
de face rosada e respiração ofegante.

E terei de relatar  
que entrei para a idade da razão e dei em nada,  
se ela conhece, mais que a mim mesmo, meu prontuário  
e o estoque restante de minha alegoria?

Então, na conversa final com essa senhora,  
madrasta de toda sabedoria,  
assinarei meu passaporte

sem ter de chamá-la de morte.

## **Propostas (às fumaças de meu cachimbo)**

### **I**

Quando eu partir desta vida  
quero permanecer sob uma árvore frondosa,  
- do tamanho de meu ego -  
entre pássaros,  
todos maiores que eu,  
só para ter a consciência de não ter partido em vão.

### **II**

A morte não pode resultar  
numa negociação forçada com o destino.  
Só peço que esta senhora me garanta  
que eu continue escutando  
sobre o travesseiro de pedras,  
e preguiça eterna,  
essas imortais cantatas de Bach.

## **Obscena nudez**

Na geladeira mortuária do Instituto  
pedem, ao parente,  
para reconhecer o corpo.

Corpo de mulher,  
nua em pelo, sob lençóis,  
puxado de uma gaveta burocrática.

Sem brilho, nem lágrimas,  
as lanternas apagadas dos olhos,

miram sua última paisagem:  
um teto sem estrelas.  
- Parecem estar lendo as obras de Shoppenhauer,  
Pär Lagerkwist ou Hemingway.

Sobre o ventre,  
e a flor murcha do sexo  
a tatuagem de um nome – uma paixão.

O que resultou de aventuras eróticas,  
sonhos acordados e rompantes de palavras?  
Um tiro certo, que expôs a carne fria do destino.

Suicídio?  
O que importa?  
- o isso é tudo ou o isso é nada?

A agonia do parente  
transforma em grito inútil  
o silêncio cortante da madrugada.

## **Espectáculo circense**

*Na casa do Senhor não existe satanás  
Xô satanás xô satanás...  
(Banda musical Asa de Águia – Álbum “A lenda”)*

### **I**

#### **(Demônio no corpo?)**

O pastor, na praça,  
brandindo nas mãos o Livro Sagrado,  
- espada de fogo do anjo que expulsou Eva do Paraíso -  
discursa sobre as recomendações morais de Paulo, o apóstolo.

A menina de lábios carnudos,

mamilos rosados, sob a blusa de renda,  
- cerejas do diabo -  
aparece, no de repente,  
muda na boca e falante nos olhos  
- o que Eros, de melhor, nos entrega.

Interrogada, em sua alma, desde cedo, rendida,  
e desnuda desde dentro dos bares da vida,  
o pecado lhe sai pelos poros,  
de tão nua, embora vestida.

Eu, que deveria ser um todo inteiro  
sob a fratura cartesiana de minha mente  
- *res cogitans, res extensa* –  
trafego sobre a casca do mundo  
com meus olhos encharcados de interrogações.

Meus passos apontam que não quero a salvação.  
E minhas veias me contam que Evangelho algum me salvaria.

Meu corpo responde às minhas perguntas,  
e eu não respondo às perguntas de meu corpo.  
E minha alma,  
pura como a de um anjo contraditório ,  
só enlouquece - ou engrandece? -  
com a possibilidade do pecado.

Pior que o pastor,  
que distribui a graça  
do esplendoroso raio de Luz  
- e que jamais me entenderia -,  
é o Salvador,  
pendurado a uma pesada cruz  
- que jamais me salvaria!

## II (Almas e cifrões)

Nas igrejas teletrônicas do Reino de Deus  
pastores hipertensos, na força de suas gravatas  
babam o óleo do ódio,  
enquanto arrancam demônios  
de corpos e mentes mal nutridos.

A terapia bruta da salvação pela palavra  
escamoteia esperanças inacessíveis,  
enquanto a desencarnação do mal  
eletriza os olhos  
como uma revoada de morcegos numa caverna noturna.

E se eu adentrasse no salão  
e declamasse um poema,  
quem sabe roubaria a cena  
do espetáculo estético das linguagens?

Mas com o Satanás não se brinca!

O anjo da guarda do templo bilionário  
que já me expulsou do paraíso de Eva e Adão  
com sua espada de fogo  
aprendeu a ser objetivo e prático  
nos assuntos de religião!

E meus versos não serviriam  
para libertar almas cativas  
que acumulam medo-sobre-medo  
no tilintar de moedas das doações.

Pudera, pelo menos, depositar na bateia de coletas  
um poema mínimo  
que apontasse para uma gota de lucidez  
daquelas mentes sedentas:  
mais um refugio de ilusão,  
sob a inutilidade dos discursos?

Bendita, tão somente, a poesia  
que não promete salvação.

## **Diálogo de corpo e alma**

*Sou trezentos.  
Sou trezentos e cinquenta  
(Mário de Andrade. "Poesia completa")*

Queria tanto que este meu corpo  
e o corpo da Mãe Terra  
fossem uma coisa só,  
no mais ancestral de meus desejos.

Quando cresço  
ou adoço,  
me despedaço  
e me refaço,  
me esmoreço  
ou me espreguiço,  
me abandono, fujo de mim  
e me regresso...

A folha seca dançando ao léu do vento  
tal qual o broto da roseira  
são minhas irmãs gêmeas  
- siamesas companheiras.

Astrólogos, cosmólogos, sismólogos...  
e outros sabichões do Logos grego  
afirmam estar o universo em expansão  
- o que as benzedeiças já sabiam  
nas práticas contra o mal-estar dos quebrantados infantis.

Às vezes me encontro meio do avesso.  
O único pedido a essa minha alma,

grandiosa e frágil,  
é cuidar do destino desse sexagenário corpo,  
que não a deixa em paz  
teimoso, feito menino travesso.

## **Eros & Thânatos**

Ave, Maria!  
ando pensando, em demasia,  
que coisa é esse corpo que me possui.

A brasa do desejo,  
sob a cobertura da pele,  
carrega uma bateria invisível  
que embriaga os olhos  
e paralisa a mente.

Não dou conta de um mínimo passo  
em direção ao entendimento,  
enquanto Freud espia,  
de dentro das capas brilhantes  
dos livros das estantes.

Quando babo o gozo da vida, respondo:  
pensar demais sobre os descaminhos do corpo  
é pegar a estrada, sem volta, de Thânatos.

A vida é feita para ser bem morrida.

## **Sex shop**

A orquídea de teu sexo,  
em primavera perene,  
dispensa o rosa-choque  
de plumas e rendas.



A orquídea de teu sexo  
dispensa banhos romanos,  
lençóis de seda fina,  
aromas artificiais,  
*kit* de leite e mel,  
morangos e tatuagens.

Dispensa silicones,  
chicotes, algemas, correntes  
sexo do oriente,  
sexo do ocidente,  
sexo sadio,  
sexo doente.

Trans-histórica,  
trans-lúcida...  
– puro sentido do sem-sentido! -  
a orquídea de teu sexo  
exibe, tão somente,  
a beleza, simplicíssima,  
de teu ser endoidecido.

E não importa a hora:  
- tempo ou eternidade,  
anoitecer ou aurora -  
a orquídea de teu sexo  
não floresceu sobre o vazio  
de qualquer incubadora  
dessa pós-modernidade.

## **Poema por encomenda**

O editor pergunta sobre poemas eróticos  
e eu entro em parafuso.

Publicar versos sobre as viagens do corpo  
é abrir a caixa preta da aeronave,

após a queda livre do voo sem rumo.

## **Eros aprisionado**

O olho gordo de minha boca faminta  
estoura minhas pupilas,  
sob o olhar invejoso de Eros,  
para devorar este teu corpo:  
pera macia, perfumada e úmida.

Os olhos de meus lábios  
vasculham as curvas  
de teus morangos maduros do frio de julho.

O olfato de minhas mãos  
exala o perfume de teus cabelos:  
espigas de um farto milharal.

Eu aqui,  
no nó da gravata da rua  
morrendo de inveja  
de seus donos,  
seus amantes,  
seus pupilos  
- convidados a mordiscar estes mamilos  
e compartilhar sussurros,  
gritos e silêncios das palavras.

E você aí,  
inteiramente nua,  
explodindo, de dentro desta *lingerie*...

Embebidos  
no vinagre do cifrão  
minha mente torta interroga o coração.

Ah se você pudesse

descer deste *outdoor*  
pra me vender de corpo e alma!

## **Deus não me livra de meu poema**

Meu poema está envelhecendo.

Daqui a pouco precisará  
de óculos mais graduados,  
parapeitos altos,  
corrimãos reforçados,  
- e uma bengala rígida e emborrachada.

Seu sangue fervente  
viaja nas correntezas do corpo  
mas não rega o cérebro  
para eu entender por completo  
a árida lucidez desta amanhã.

Poema-arbusto,  
Sem o DNA de um carvalho,  
me manda recados, por um calendário invisível,  
que só minhas mãos apalpam  
sem necessidade alguma de sabedoria.

Não é de hoje que me vigia por dentro.  
E as palavras que o nutrem,  
alimento para o rigor do nada,  
fazem o diálogo mudo com as nuvens  
diante de meus olhos cativos.

Se o Criador me dispensasse  
de me iludir com a razão,  
o enigma da felicidade estaria revolvido?

Pelo menos não mais precisaria buscar saídas:  
trafegar a praça para desencontrar os homens,

empurrar as gangorras da infância,  
fumar cachimbo e cuspir no chão,  
remover fumaça e memória,  
como modos de tropeçar no tempo.

Até onde Deus irá me permitir,  
no prato-feito da vida,  
só comer pelas beiradas,  
as migalhas do sentimento?

### **Quero te...**

Quero te levar  
um presente mínimo,  
que seja da prateleira de um bazar dos pobres.  
Qualquer coisa:  
um anel de casca de coco,  
um sachê,  
um embrulhinho qualquer em papel machê.

Ainda que seja maior que eu mesmo,  
será menor que meu desejo  
e meu gesto.

### **Dissimulação**

Pés com esmalte encarnado,  
em chinelos de artesãos  
e lenço combinando com adereços.  
Na mística oriental,  
deste vestido indiano,  
você vem da feira *hippie*.

Não venha dissimular a beleza,  
desse corpo de praia, de ocidente

de Bahias, Áfricas, sertões, Axés, carnavais...

Você rica, esplêndida e pobre,  
com a dignidade de um casebre  
não será outra mulher,  
mais mulher e mais nobre  
travestida de oriente.

## **Paraíso artificial** **(Poema mal resolvido)**

Ao morder a maçã envenenada desse corpo  
reinventei o paraíso e o medo.

Suspeitava que uma legião de anjos  
viesses me expulsar com suas espadas de fogo  
e os preceitos da moral,  
kantiana e universal.

Mas previ você me expulsando primeiro  
- num corpo e alma embrulhados no dinheiro:  
rímel pesado nos olhos doces,  
salto agulha e esmalte extravagante,  
*lingerie* de marca estrangeira  
e o brilhante batom  
da *Avon*.

Na poética globalidade da mulher “brasileira”  
você, toda *Boticário*, toda *Natura*, toda *Água de cheiro*.

À sua imagem e semelhança  
o capital fabrica a sedução,  
no tilintar de ouro dos braceletes, colares e brincos  
e nada mais revela que a inveja de Deus.

O que não pode, em sua esquizofrenia,  
é sugar o valor real  
do cheiro de amor feminino, febril e natural,

como o que exala da terra bíblica do *Cânticos dos cânticos*,  
de Adão, Freud e Reich  
Eva, Beth Milan, Ângela Davis e Simone de Beauvoir...

Aquele Mal de aquém do Bem  
Aquele Bem de além do Mal.

Nessa gaiola de desejos fartos  
*Mis* (universal) de tua própria esquina,  
o paraíso artificial de teu corpo  
soa como uma fruta maravilhosa - e maravilhada -,  
crescida no agrotóxico e envernizada,  
disponível para o próximo comercial.

## **Desacerto (em rimas)**

*não é minha morte que me preocupa,  
é minha mulher  
deixada sozinha com este monte  
de coisa nenhuma.  
(Charles Bukowski. "Pensador").*

Usei meus pés para experimentar estradas  
e minhas asas todas, as soltei no ar.  
Estiquei os braços na multiplicação de abraços  
e meu par de olhos para o esplendor da lua.  
Lambuzei a boca com as mangas da infância  
mas plantei meus sonhos nas areias de um deserto  
- que resultaram num coração em desacerto.  
Por fim, achei meu corpo no corpo da mulher nua  
mas perdi minha alma, jogada no olho da rua.

## De mãos dadas

Feito dedos que se tocam  
- Criador e criatura numa Capela Sistina -  
o menino estica o braço direito para o alto.  
Alcançar a mão esquerda do pai  
é proteger-se das correntezas das ruas.

Não há *High Tec*  
(*filmofotoelétrica*)  
que eternize tal momento.

No bairro de lama e descaso,  
sem asfalto, cidade e futuro,  
os pés da infância,  
tateando o dorso do chão,  
teimam em continuar (ainda)  
os primeiros passos da Humanidade.

Na ordem do dia da vida  
- estradas e horizontes,  
necessidade e liberdade -  
o tamanho do mundo,  
medido em pés andarilhos,  
fica menor que a curiosidade dos olhos.

Observo os dois,  
mascando o chiclete adocicado do tempo  
e ruminando choro e palavras.

O passado do pai,  
pedindo licença para aprender  
o futuro do filho.

No esplendor ritual das mãos,  
cumpre uma pedagogia avessa:  
segurar as asas do pássaro  
para não voar tão afoito

por sobre abismos vindouros.

É que os olhos gulosos  
de menino iniciante  
borboleteiam o horizonte,  
e nem calculam o tamanho dos sonhos  
que o chão dos caminhos não dispõe.

O grito libertário que não se ouve,  
entre resmungos e falas indecifráveis,  
vira um único caldo sonoro  
da solidão dos vencidos.

Então,  
para que servem as manhãs,  
senão para abotoar  
as camisas dos sonhos?

## **Viver e morrer a vida**

*Inverno  
É tudo o que sinto  
Viver  
É sucinto.*

*(Paulo Leminski. "Toda poesia")*

### **I**

No primeiro dia de meu nascimento  
comecei a ir morrendo a vida  
- em redundâncias de linguagens -  
mesmo comendo o miolo da fruta dos sonhos.

O que esse menino vai ser quando crescer  
- nunca o que o menino é.

A boca faminta da morte



suga o sangue fresco do tempo.  
Mas nunca é hora de se dar conta disso,  
quando o sol das manhãs da vida  
esquenta o bronze do corpo ávido de energias.

O caminho montanhoso dos dias  
vira uma flecha invisível no coração  
- em polegadas crescentes e bem medidas,  
como uma balança refinada a pesar o ouro  
do que vale ou não a pena contabilizar estrada afora.

Nas madrugadas dos anos corridos,  
atrás dos muros dos quintais  
- qual predador frente a presa -  
arma seu silêncio de espreita ao corpo  
e faz doer seu riso de escárnio sobre a alma dita imortal.

O pior esforço da vida  
é tornar essa dor  
costume e complacência.

Nem adianta ao coração  
endoidecer-se de paixões,  
afundar em lençóis de noites desdormidas,  
derreter o mel da alegria  
nos dias de sol e chuva de verão.

Pudera eu viver  
a simplicidade de uma flor mínima  
- sem tanto esplendor metafísico,  
nem cabeça para perguntas abstratas.

A vida se torna plena mesmo  
é sob o véu da incompreensão.



Cabeças brancas,  
de cabelos amassados

pelos travesseiros de noites mornas,  
fazem fila nos caixas bancários.

Mãos trêmulas,  
que já morreram para a mais-valia absoluta,  
teclam as senhas sob a demora do esquecimento  
e a aflição dos olhares.

Vieram buscar o soldo de suas vidas  
para a regalia dos bisnetos.

Medicamentos de tarja preta  
estouram os salários.  
E o saldo não sobra  
para o milho aos pombos  
nas Praças dos Sem Poderes.

### III

*Flamboyants* frondosos ao sol,  
cobrem os bancos dos encontros  
e colorem as cinzas do esquecimento,  
como se a vida verdejasse  
numa primavera perene.

Cigarras, no contraponto da surdez,  
executam o violino da tarde mansa.  
Já é inverno  
nas estações do corpo.

## Anjo caipira

(Para João Baptista Nascimento,  
(In memoriam).

As sobrancelhas pesadas eram as cangas  
de olhos doces e cansados,

ombro arqueado, sobre um esquelético corpo,  
dançando invisível no ar,  
anunciava o andar de um anjo pela casa.

Não se ouviam passadas,  
nem falas,  
nem reclamos.

Ouviam-se os acordes  
rasgando seu silêncio de fim de tarde,  
quando se refugiava no som da eletrola.  
O diálogo com os cantantes da viola,  
é que tornavam saboroso o café fumegante da vida.

João Baptista incomodava o Narciso grego,  
pela sua beleza opaca.  
E continua presente,  
dando água e alpiste,  
aos pássaros invisíveis, nas gaiolas da varanda,  
que só lhe voavam do céu da alma.

O que farei  
para interceder sua ajuda,  
toda vez que eu descer aos infernos da razão?

O anjo caipira,  
no rosário dos dias,  
prenúncio da educação para a ausência,  
foi sequestrando de nosso juízo  
o direito ao lamento pelo lamento.

Às vezes,  
nem sempre,  
a saudade faz sentido  
- nessa minha alma ausente,  
nesse meu coração ferido!

## **Orquídea**

No tronco da mangueira  
ela se abre, exuberante.  
Flor púrpura, magistral  
ofertada ao silêncio dos olhos,  
em sua forma vaginal  
cicatriz de inessencial beleza.

Eu, jardineiro,  
ofereço as mãos  
ao cuidado ritual  
no altar da natureza,  
e convido toda a Humanidade  
- do fundo de meu quintal -  
a conferir sua realeza.

Eu, biocientista,  
no rigor de meu trabalho,  
frente a pétalas que se enrugam,  
desde meu cérebro calculista  
prevejo não haver remédio.  
Mais dia, menos dia,  
no asilo de seu destino,  
essa orquídea morrerá de tédio.

## **Sete vidas**

No entrecruzar de luzes ofuscantes,  
noite fresca anunciada  
sábado adentro,  
sábado ardente,  
sábado romântico,  
o automóvel passa,  
veloz...velocíssimo...  
e atropela o gato.

A gata, do outro lado da rua, sobre o muro,  
não entende o desencontro amoroso.

De dentro da estátua colossal de minha juventude  
assisto a agonia.

Tombado, esticando o pescoço  
e buscando o ar impossível.  
Sem a graça de seus movimentos  
os olhos dormem dentro do nada,  
despidos de brilho  
sobre o asfalto ensanguentado.

Trêmulo, despede-se da vida  
e eu o recolho,  
a sangue quente.

Penso em parar o trânsito  
e exibir aos homens outra vítima da tecnologia...  
A que adiantaria?

Penso em publicar o necrológico nos jornais...  
A que adiantaria?

Penso em orar pela salvação de sua alma noutra vida...  
A que adiantaria?

Então invento uma saída:  
Recobrar, da infância, a crença  
na narrativa das sete vidas.  
E assim me livrar do sofrimento  
de ver um gato atirado,  
em pronto endurecimento,  
virando carniça, carcaça e húmus  
para continuar adubando  
nossa cômoda indiferença.

Sete vidas eu tivesse,  
uma delas eu daria a ele!

## Receituário

*...os meus versos estão completamente cheios  
do teu veneno forte, invencível e fluente.*

*(Gilka Machado. "volúpia")*

De tantas-vezes-tantas que nos desentendemos  
é o mesmo tanto-quanto nos completamos.

Você e o mundo me aviam  
as receitas do planejamento,  
no sal dos dias da razão.  
Se não consigo ter um coração pensante,  
na mistura dos ingredientes  
nada mais posso que assumir o risco  
de quebrar o pote de mel da paixão.

Origem, meio e fim de uma desordem,  
ela vira meu perfume, meu elixir de tudo,  
meu refrigerio, meu remedio:  
para eu renascer, após desenganado.

A incurável dor de ter de ser  
pulsa, em contraditória vida,  
pedindo para eu renascer  
de dentro do embrulho dos lençóis.

## Ardência

### I

Em teu útero  
plantei minha semente,  
que devemos regar, doravante,  
com lágrimas de suor e alegria.

Depois,  
só permanecer calada,  
vigiando minha agonia.

Observo, com a mão direita,  
trêmula e macia,  
bem de perto, dia a dia,  
o fruto crescente do rebento  
dormindo na bolha do mundo uterino,  
e você, ainda emudecida.

Virá de algum céu inexistente.  
(Vai ser menina?  
Vai ser menino?)

Como um anjo providente  
me cancelarão o direito de bater  
nos muros sem janelas do destino.

Devo repetir (*ad nauseam*)  
vara noite, vara dia,  
que a vida parece virar nada  
na porta escancarada da utopia.

## II

Se avexe não, minha Flô!  
Tua impaciência no amor  
é a fita métrica  
de meu desmerecimento.

Todo o desamor de meu amor  
eu o derramo na bacia das almas  
de meus retalhos de palavras.

Poemas, os tenho feito  
não como coisa ofertada  
em pacotes encomendados

e enlaçados como presentes.  
Mas como causa primeira  
- mesmo os não endereçados  
na postagem correta  
dos caixeiros-viajantes das surpresas.

Se nem todos lhe servem  
na exata medida de suas carências  
concluo que devo abandonar  
meu antiquado ofício de letreiro.

### III

*Demora-te sobre a minha hora.  
Antes de me tomar, demora.  
(Hilda Hilst. "Odes mínimas")*

Ao viajar sobre teu corpo  
não me preocupo com as horas do relógio de pulso.  
Elas não me trazem as imposições das trilhas das ruas,  
lugar do tempo,  
das matemáticas e das frias verdades do cifrão.

Teu corpo é o mostrador indissimulável  
da mentira do amor  
- ainda que sobre a simplicidade desses lençóis usados.

É quando a vida, de fato,  
passa tão depressa.

### IV

Na fogueira desse corpo incandescente,  
a única verdade que a paixão me ensina  
é me deixar pronto para morrer.

E deslizo meus dedos trêmulos sobre teu corpo  
como uma harpa de Nero



sob as chamas de uma Roma incendiada,  
imaginando ser todo-poderoso nas armadilhas do desejo.  
“Lira do delírio” – diz o poeta

De sua boca,  
sem palavras e na exaustão do gozo,  
ecoa a derradeira música  
como se dissesse:  
a vida está completa.

Por isso mesmo, recomeçamos  
- como quem vem do nada.



Das vitrines iluminadas,  
translúcidas e alucinantes,  
vem a ordem para um poema globalizado.

E os dentes de meu cérebro  
abocanham lingerie achocolatados,  
enquanto me perco na procura de mim mesmo.

Moçoilas tesudas,  
vestidas em trajes árabes,  
carregam as pilhas de seus corpos  
enquanto ensaiam uma dança do ventre.  
E seus umbigos bem nutridos  
parecem iscas magnéticas  
para os mercadores dos *Sex Shoppings*.

Me afundo nos corredores de lojas,  
numa excitação solitária,  
enquanto os lábios úmidos  
do paraíso artificial  
me acariciam o pescoço  
e me fazem arrepiar.

A gente anônima com seus pacotes

contabiliza ilusões sob seus óculos escuros.  
E aquecem o sorriso pré-fabricado  
de uma juventude de almas barganhadas  
e carentes de utopias.

As lojas querem comprar meu coração  
e devolvê-lo na forma de boletos mensais  
- e eu aqui,  
sem conseguir fechar a gaiola dos erotismos fetichizados.

O anjo mau,  
que Eros nunca revela,  
aplica seus cifrões instantâneos – aqui, no Ocidente  
e nos pregões do Oriente.

## **Poema provisório**

### **I**

#### **(Entendimento)**

Meu coração me diz  
que devo amar todas a mulheres  
- só porque nasci para o desentendimento.

Se me lançasse ao deserto da procura  
- nesse não-sei-o-quê de cada uma -  
me disporia à aventura,  
nesse lago lírico de afogamento.

Ao escolher amar a todas em amando uma  
- e há cada uma em todas as esquinas do amor –  
me entrego a que não parecia estar à minha espera.

Seu rosto iluminado  
as chaves desse coração o guardava em segredo;  
além do Bem ou do Mal,  
- a desventura ou do medo.

E vejo, em minha escolha - em meu intento -  
todas as outras me sorrindo,  
como se revelassem a natureza feminina  
feita de um mosaico curioso  
que o amor a uma só alma compreende:  
paixão, mistério, entendimento.

## II

### **(Desentendimento)**

Tento entrar neste poema  
com as mãos limpas  
e a boca enxaguada,  
de palavras mal chegadas  
do espanto da garganta  
feito pedras sob a língua.

Sento-me à mesa - em desatino  
frente à fogueira de um corpo -  
cuspindo faíscas nos olhos medrosos do destino.

Sinto a fome  
absoluta, incontrolável  
da paixão que não mede riscos  
- apenas derrete, no termômetro das horas,  
a vida,  
sob a forma de tormento.

Ouçõ ao telefone pedidos de conciliação  
e penso em interromper esse ensaio de poema.  
Mas ele já vai derramado no embrulho das horas  
qual um entulho de palavras,  
carnes do espírito, sob um corpo indefeso.

Mesmo assim, tento inutilmente proferir  
como quem pode inventar, do nada,  
a pergunta:  
Qual vida não é isso mesmo, um desacerto, menina?  
E vejo que o acerto

sobre o que somos e o que desejamos,  
diluídos do que nos restou da boca faminta da noite,  
não pode deveras pousar num corpo extenuado de outras festas,  
e atravessado pelo sentimento estranho.

Não há como mentir sobre a mentira já anunciada,  
no arco do tempo,  
contra a flecha do desejo,  
simulacro das verdades mais duras.

Ah! Doce menina,  
quanto mais adentro o âmago  
desse segredo que me possui  
menos entendo o dilema:  
você dizendo não com sua boca medrosa  
e o meu corpo, por inteiro, dizendo sim  
na presença muda e embriagada de dois corpos  
que transmutam em versos invisíveis  
cada qual a seu modo.

Aí tento concluir o poema inconcluso,  
torná-lo provisório, pelo menos...

Se a vida não passa  
de uma perene espera do tempo prometido,  
o que dela esperar de quem não inventou  
o que ousam chamar de amor?

Ah! Pudera eu  
ter apenas reinventado  
os caminhos traçados para nossa história!

## **Mulher-menina-mulher**

Não quero beijar-te  
como o príncipe retira  
da boca pura de uma fada

o odor da maçã envenenada  
pela inocência.

Não quero a mulher que sonho  
uma só menina – perene.  
Quero a menina  
feito mulher – despida  
do pano branco dos pudores.

Assim,  
poderei viajar na geografia de teu corpo  
como um poeta maldito  
- daqueles que Platão expulsou da República  
condenado a navegar nas regiões abissais do Hades  
sob a presença vigilante do barqueiro.

Quero que teu corpo,  
menina – então mulher –  
me venha exalando o vinho das tavernas  
e o aroma fresco de manhãs mal dormidas.  
Desde que eu esteja em chamas,  
e me perco nele,  
consumindo-me e me condenando,  
contra toda sorte de juízos:  
dos espantos de famílias em suas poltronas assépticas,  
dos libelos de tabeliões estabelecidos nos cartórios,  
das rezas de igrejas, das virgens cem por cento de Manuel Bandeira.

Aí, quando a claridade da manhã dourar teu corpo  
e de tua boca ouvir um adeus sem jamais ir embora,  
terei saciado essa minha alma faustiana  
- sedento do sábio conhecimento,  
mesmo sob o risco da culpa de ter ferido de morte a razão.

O que poderei fazer, diante do teu (nosso) pavor?

Olharei para teu corpo em repouso,  
feito pássaro abatido em voo livre,  
e direi:

Eis, sob a mulher  
(ainda) a menina,  
tão humana  
- posto que demasiadamente divina.  
E eis, sob a menina,  
a mulher profana,  
tão divina,  
- posto que demasiadamente humana.

## **Corpo rendido**

A paixão me faz abrir o peito  
para expor o sangue quente das palavras,  
babadas nos lábios  
da insanidade e sensatez.

Ela me faz deitar em estado febril  
num colchão de nuvens;  
solta meus anjos decaídos  
e estanca o que me resta de inocência

Que fazer?

Expurgá-la,  
como um pastor expulsa demônios  
num templo superlotado?  
Cérebros bem regados,  
viram uma verdejante plantação de repolhos  
para apodrecer nas casas e nas ruas  
e na hora mais cara da rendição do desejo,  
pelo entendimento moral.

O mesmo rompante  
que me arrebatava,  
que me arrebatava,  
me arrefece a alma e me desorienta,  
é o placebo enganador da vida

- que me cura e me reorienta!

## Poemeto

Seu olhar  
é o radar do coração aflito.  
E me procura na sala,  
nos corredores, na multidão.

Se meus olhos não encontram os seus  
é quando fujo,  
ou finjo,  
que também não tenho os meus.

## Visita inesperada

Terminamos de fazer amor  
- o amor que jamais termina –  
e abro a janela da manhã.

Bem próximo a nossos olhos,  
numa forquilha do pé de romã  
o pássaro engenheiro edificou  
a sabedoria prática do ninho.

E eu, sem sabedoria,  
só me resta compreendê-lo  
na teia cerebral de meus sentidos.  
As góticulas reluzentes dos olhos da rolinha  
me espreitam, armados para o voo do medo  
e o juízo de nosso saber faz o outro parceiro partir.

Os pássaros voam  
e sobram ninho, ovos e penas.  
Ainda bem que não há guerra nos ares

que dê conta de destruir a beleza essencial.

Pena que os passarinhos,  
enclausurados em seus desesperos,  
não conseguem compreender  
a fragilidade de meus desejos.

## Trajetória

O homem nasce.  
apalpa o mundo com os olhos dos dedos;  
atravessa a infância de bicicleta;  
descontrola hormônios  
e pensa em se matar pela amada;  
devora contradições sociais de manifestos  
e vira o revolucionário das esquinas;  
amadurece no calabouço dos anos  
e passa a escrever poemas,  
pensando que ficou pronto para morrer.

## Bar

I

Hoje, não posso,  
já que não me encontro lúcido.

Amanhã,  
quem sabe,  
mesmo que para continuar vigiando  
minha liberdade, sem asas,  
de pássaro.

O bar me convida  
a escrever mais poemas



e pendurá-los, de vez,  
nessa parede farta  
de garrafas silenciosas  
- cadeados líquidos que abrem  
a lucidez avessa e pura.

II

Ela entra, sorrateira,  
roubando cena  
e exalando sexo  
nos poros da própria alma.  
Lábios carnudos,  
seios desnudos:  
Eva dispensando paraíso.

A noite,  
pecaminosa,  
envenena os olhares  
e os corpos viram  
torres de alta tensão.  
Todos os olhos de meu corpo  
trabalham em dobro  
- e em vão –  
para sustentar a overdose  
de letal paixão.

Ato consumado,  
entrega, abandono.  
Eu, exaurido.  
Ela, sorrindo.

Restou, sob suspeita,  
- de *petit mort* –  
uma simples conclusão:  
Juro que esse poema ficou lindo!

## Indecisão

Pelas janelas escancaradas dos olhos  
minha alma conversa com meu corpo.  
E ele me diz que prefere o raiar do dia ao entardecer.

Pé na estrada, na brasa nascente do sol  
desenhando a silhueta das árvores:  
fêmeas no cio da terra, agraciadas pelo esplendor do dia  
e abrigando a loucura dos pássaros  
em tempestuosa alegoria.

Exalando o suor das jornadas,  
meu corpo conversa com minha alma.  
E ela me diz que prefere o entardecer.

Pé na estrada, de volta ao eterno retorno.

Maritacas disputando espaços de seus leitos  
numa fritura de linguagens incompreensível.  
Sol, todo poderoso, derramando o que resta de seu balde de luz  
nos dorsos das montanhas.

Não venham com fotografias, que esses olhos tecnológicos,  
não tem cheiro nem sabor.

Ao encontro dos vagalumes da escuridão vindoura,  
vagabundeio a noite para exorcismar fantasmas.  
O corpo, exaurido pela labuta,  
vai ser entregue de volta,  
à mesma escuridão  
do trabalho do amor.

## **Elegia ao desejo cooptado**

Ela apareceu em minha esquina,  
qual um felino numa savana, à espreita da presa.  
Eletrizei o corpo,  
acelerei os passos de lebre em fuga,  
e entrei numa igreja repleta de fiéis.

Mentes e corações explodiam  
e todos os pecados estavam sendo expurgados  
- incluindo os meus.

Voltei sem alma  
para a masmorra escura dos guetos dos pecadores.

Precisei orar para ter meus demônios de volta.

## **Bisturi**

### **I**

Nunca escrevo um poema sem, antes, abrir os pulsos.  
Se não há coragem nem paixão pelo suicídio  
os braços logo cicatrizam, à espera do próximo corte.

Dizer que a vida é pura dissimulação,  
desgosta a alma, repositório da dor maior.

Por que o poema só estará completo  
quando o bisturi estanca a dor de ser?

Se não há cura para um corpo  
que não se cansa de renascer,  
revivendo,  
que verdade da carne que o poema expõe?

## II

No ritual de assepsia das mãos  
entro na sala cirúrgica do poema  
para fazer a biópsia da palavra.  
Cicatrizo o corpo, exaurido e mudo,  
enquanto o coração desacelera em aviso.

Na ponta do bisturi,  
que dança sobre a carne sua música silenciosa de poder,  
desenho o diagnóstico de versos em desacertos.  
Nos mostradores de gráficos, dos monitores da Tecnociência,  
as vísceras do corpo se revelaram impregnadas  
de bactérias da paixão.

Volto da sala de poemas  
como quem antecipou a autópsia do ser  
e abro o fatídico relatório:

O poema nasce quando o corpo é tomado  
pela suspeita de uma felicidade plena e indolor.  
E ela aparece sempre, na porta escancarada do peito,  
sob anestésias ilusórias,  
para dizer que não há mais cura.

### **Poema-pó**

Apoiado nessa bengala imaginária dos anos,  
rememoro vivências  
e me vejo remanescente de mim mesmo.

Ombros curvados pesam  
na medida das alegrias soterradas da alma.  
No rescaldo da vida  
a *mea culpa* pelo não vivido:  
saldo devedor de um armazém falido.

No boteco da esquina  
violetos arriscam acordes  
aprendendo a ignorar a dor  
- e não minimizam o ranger de meus ossos.

Uns tocam, outros cantam  
e precisam dizer  
que a música, tão de dentro,  
vem de longe.  
O homem não tem inspiração suficiente  
para compor todas as músicas da vida.

Nos passos pesados de minhas pernas  
uma alma calculista planeja um dia abandonar o corpo  
e eu não encontro o refrão  
de violas e cantares alheios.

A ampulheta do tempo vindouro não perdoa  
a poeira que vem grudada  
no embrulho do destino.  
O saldo de areia, feito solidão,  
não refaz o que derrete na memória.

## **Agradecimento**

Quando olho pra esse mar revoltado,  
ou sinto o cheiro inodoro do vento  
- ou o odor dos frutos do mar -  
só tenho a agradecer  
a esse meu coração  
- que me traz pra dentro do peito  
os problemas do mundo.

Trabalhador incansável,  
sob uma ordem invisível  
para um viver pleno,  
nem sei como me caibo nesse corpo magro,

Suas bombas de sangue,  
correia de transmissão  
de um jogo de dados do destino  
me fazem ver,  
no retrovisor do tempo,  
corpos e mentes  
tombados em combate  
- suicídios, homicídios, naufrágios.

Dentre tantas flores pisoteadas,  
sobre pedras geladas e sem luz,  
esse meu coração batendo  
só para me permitir  
olhar a arrebentação das ondas  
ou pisar, descuidado, sobre conchas.

Relógio da vida,  
diurno e discreto,  
que suporta meus medos  
e alavanca meus sonhos  
e o pavor de não mais vê-lo,  
um dia,  
vindo ao meu auxílio  
e me faltar o ar dos pulmões  
- ainda que pra dizer,  
pela última vez:  
sagrado coração resistente!

## **Noturno** **(Oração final)**

Desde o primeiro dia do tempo  
o rio serpenteia margens  
e educa as pedras,  
só para me permitir  
algum minuto de êxtase.

Sob o rumor das cascatas,  
sapos enamorados conversam  
sem preocupação com a contabilidade das horas;  
vagalumes riscam o céu  
cortando a carne da escuridão;  
estrelas, sementes de olhos plantadas sobre nossas cabeças,  
tilintam, como guardas, para a vigília e o zelo  
- antes que os homens as ocupem, com seu furor evolutivo -  
com tamanha beleza oculta no breu do céu  
- como se anjos, santos, Neruda e Éxupèry nos observassem.

Trago para a beira do rio  
minha própria escuridão  
para continuar dialogando com a escuridão da noite:  
esse cobertor que recolhe sonhos acordados  
- como uma camareira dedicada recolhe lençóis usados -  
para um reconforto de existencial abismo das camas.

Mas não me aconchego como quem vem diariamente  
a um vale de lágrimas ou ranger de dentes.  
Aprendi a me entender,  
por vias de uma lucidez avessa,  
nessa caverna a céu aberto,  
seja à noite, seja à luz do dia,  
em que rios, vaga-lumes, batráquios e estrelas  
compõem o tecido translúcido da necessária fantasia.

Para todo o tempo restante  
- da vida plena que ainda não vivi –  
o dia feito noite e a noite feito dia me salvam,  
pela obra sem verso, sem verbo, nem alegoria,  
- da poesia que não escrevi.





Formato            15,5 x 23,0 cm  
1ª Edição         Dezembro de 2020

## **Navegando Publicações**



NAVEGANDO

[www.editoranavegando.com](http://www.editoranavegando.com)  
[editoranavegando@gmail.com](mailto:editoranavegando@gmail.com)

Uberlândia – MG  
Brasil





Quanta ternura enxovalhada de catarses inquietas invadem meu ser, que emociona, invade, testemunha vida vivida de peito aberto a todas as vicissitudes. Fantástica sensação de ter povoado o sentir do homem profundo, consciente, discernido, tal a lindeza de quem tem o mundo na sua pena. De uma singeleza! De sofisticada sabedoria, de elaboração detalhada e cuidadosa do criador que busca o melhor elemento para celebrar a vida em cada palavra. (...)

Eu quis ler e reler e reler em voz alta, tal a sensação de que não consegui beber de cada gota imersa e submersa de seus poemas. Leitura do mundo, verdadeiro diálogo com a cosmologia, com o universo, com a multidimensionalidade. Reflexões profundas do ser, do viver, do amar, do gozar com metonímias exuberantes.

Magda Lúcia Vilas -Boas